

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Outubro/2017 – Nº 53





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Haroldo Tavares Elias

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2017

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual: Laertes Rebelo

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

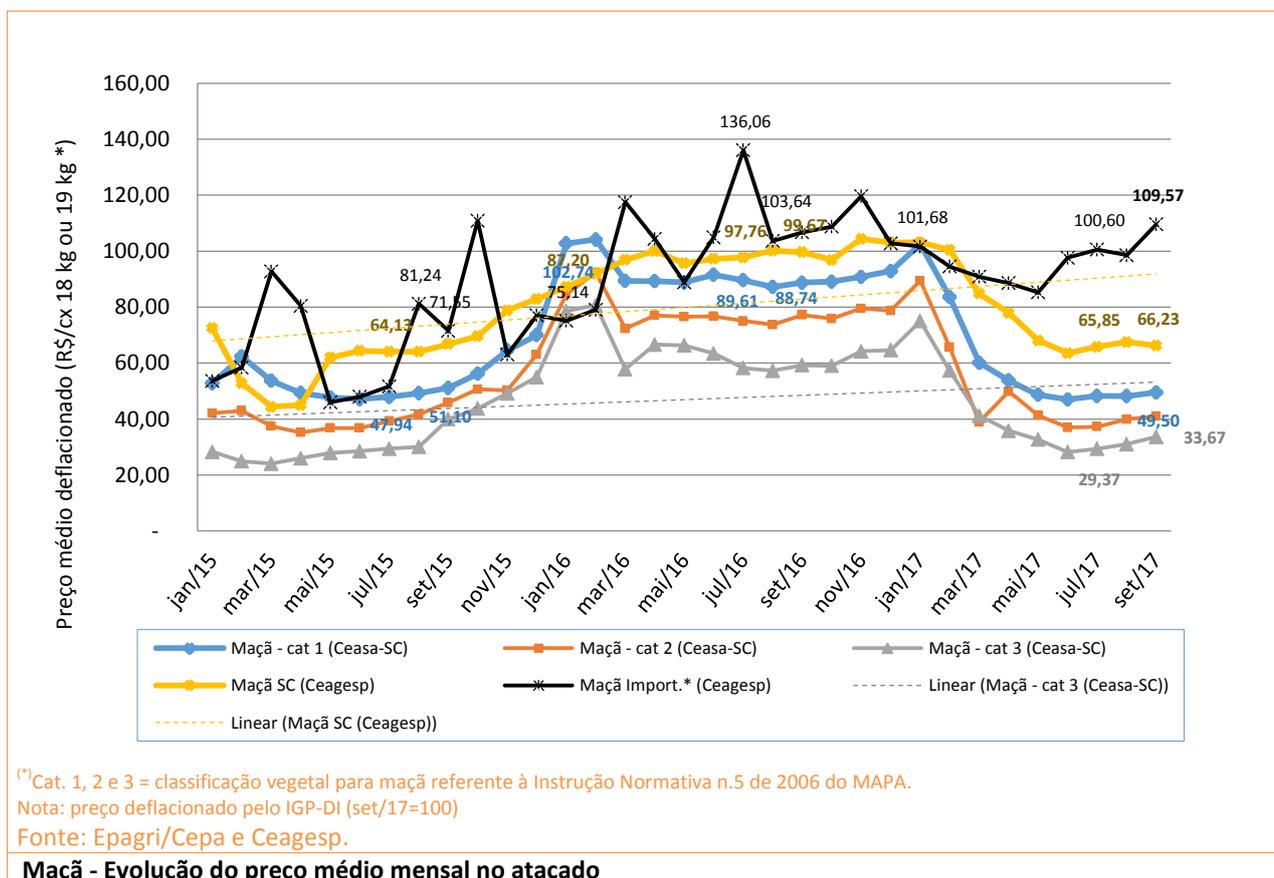
Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	9
Arroz	9
Feijão	11
Milho.....	13
Milho silagem	18
Soja	22
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	32
Pecuária	36
Avicultura.....	36
Bovinocultura	42
Suinocultura.....	47
Leite	55

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (set/17=100)

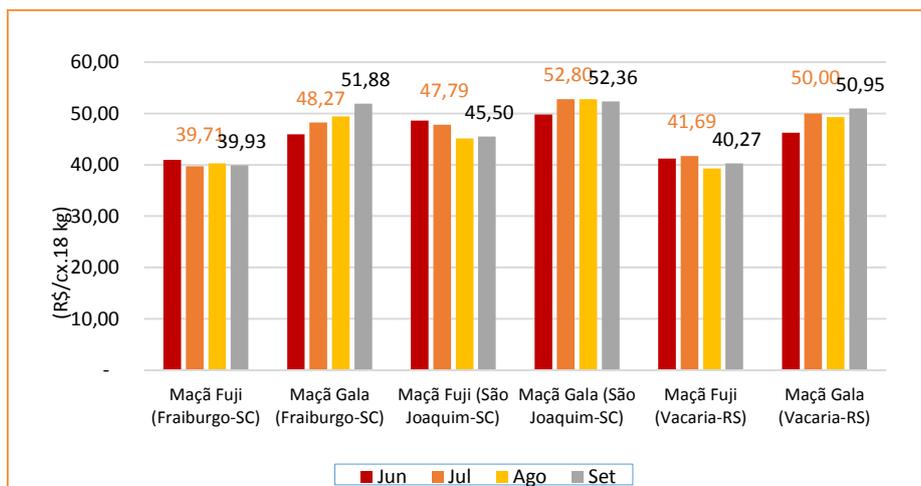
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Nas principais centrais de abastecimento de SC e SP, em setembro de 2017, os preços deflacionados da maçã segue tendência de recuperação nas cotações. Na Ceasa/SC os preços da maçã estão desvalorizados em relação ao mês de setembro de 2015 em 3,1%, 10,6% e 15,8% para as categorias 1, 2 e 3, respectivamente. Mas, entre agosto e setembro de 2017, nos preços das maçãs cat.1 e cat. 2 houve valorização de 3%, enquanto, a maçã cat.3 valorizou 8% em relação ao mês anterior. Entre agosto e setembro a estratégia das empresas classificadoras foi escoar as maçãs Gala com mais tempo de câmara que já apresentavam indícios de perda de pressão da polpa, mas estavam com preços valorizados. No final de setembro mesmo com retração na demanda, as cotações mantêm recuperação devido a comercialização de frutas estocadas em atmosfera controlada (AC).

Na Ceagesp, em agosto, a maçã catarinense estava com cotação 5,5% superior a de 2015. Já, em setembro, a fruta estadual apresenta desvalorização de 0,8% sobre o preço praticado em 2015 e mais de 33% no mesmo mês do ano de 2016. Entre agosto e setembro a cotação da fruta, no entreposto paulistano, desvalorizou 2%. Em setembro, a maçã importada está com o preço 53,1% maior que o valor negociado em 2015 e 2,7% de 2016.

A expectativa é a recuperação e valorização das cotações no próximo mês, com estoque menores, frutas de melhor qualidade e aumento na demanda de mercado pelas frutas.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo, houve redução de 0,9% na cotação da maçã Fuji e valorização de 5,0% na maçã Gala, entre agosto e setembro, devido a diminuição na oferta da maçã Gala e aumento da demanda de frutas de menor calibre (cat.3). Nos pomares, em agosto, ocorreu a quebra da dormência, com a utilização de reguladores de crescimento, óleos minerais, além dos fungicidas. Em setembro, após a brotação, como efeito da estiagem a florada plena está sendo acelerada com antecipação da

polinização para o início de outubro.

Em São Joaquim, o preço da maçã Fuji, que vinha de uma redução de 5,5% entre julho e agosto, se recupera com valorização de 0,8% entre agosto e setembro. Essa valorização na maçã Fuji está relacionada a estratégia de comercialização de frutas de AC de melhor qualidade relacionada a pressão da polpa e coloração mais intensa. Para a safra 2017/18, na segunda quinzena de setembro, com o início da florada, os produtores começam a aplicação de compostos para auxiliar a hidratação da flores visando uma melhor polinização. A florada plena está prevista para a primeira quinzena de outubro. Em Vacaria, ambas as cultivares estão com as cotações valorizadas em mais de 2,0%, entre agosto de setembro, devido a alternância na classificação entre as maçãs Gala e Fuji e o escoamento escalonado para controlar a oferta relativa e recuperar os preços do estoque final da safra 2016/17.

Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 – Santa Catarina

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa inicial 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa atual 2016/17 (Epagri/Cepa)			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área Colhida	Produção	Produtiv. média
Joaçaba	3.287	128.829	39.193	3.287	131.529	40.015	0,00	2,10	2,10
Canoinhas	159	4.558	28.667	159	4.558	28.667	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	1.008	38.682	38.375	1.008	39.162	38.851	0,00	1,24	1,24
Campos de Lages	11.963	419.187	35.040	11.963	446.418	37.316	0,00	6,50	6,50
Outras	6	37	6.167	6	37	6.167	0,00	0,00	-0,01
Total	16.423	591.293	36.004	16.423	621.704	37.856	0,00	5,14	5,14

Fonte: Epagri/Cepa (set/2017)

Na estimativa atual da safra 2016/17, com a melhor qualidade das frutas o aproveitamento de maçãs cat.3. foi maior e as frutas que foram colhidas no final da safra aumentou os valores previstos para as microrregiões dos Campos de Lages, Joaçaba e Curitibanos.

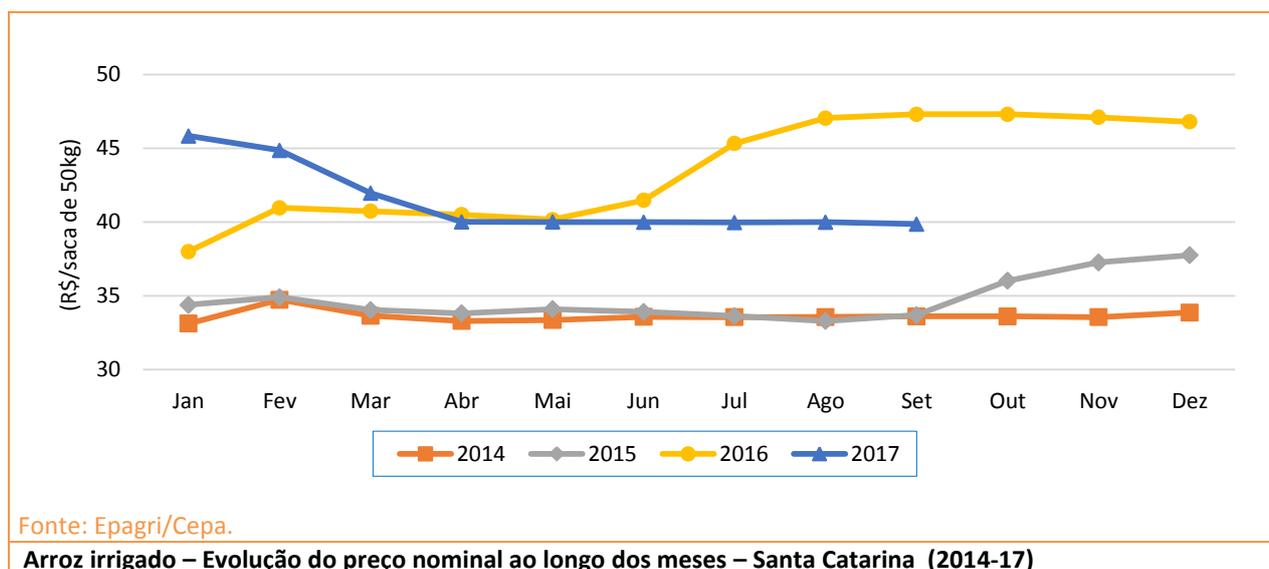
Grãos

Arroz

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Semeadura do arroz segue firme em todo Estado.

Em Santa Catarina, o preço médio pago ao produtor pela saca de 50kg de arroz irrigado em casca permaneceu estável no mês de setembro, com pequeno viés de baixa puxados pelos preços pagos na região sul do estado. Em comparação com os preços praticados na temporada passada, em Santa Catarina a variação negativa para o mês de setembro está em 15,73%. No Rio Grande do Sul, a cotação do grão também segue em queda de 3,34% no mês de setembro em comparação com agosto. Considerando o mesmo período, no ano passado nessa época a saca de 50kg de arroz foi cotada a R\$ 50,50, contra os R\$ 38,76 deste mês, redução de 23,25% em 12 meses. No Mato Grosso e Tocantins, estados que comercializam arroz em sacas de 60kg, o mercado segue calmo nessa temporada. Ao que tudo indica, os motivos para os preços não reagirem é que os engenhos estão bem abastecidos e os produtores que possuem produto depositado nas cooperativas e armazéns estão comercializando apenas o necessário para saldar compromissos financeiros ou eventualmente compra de insumos.



Arroz – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca					
Estado	Ago./17	Set./17	variação (%)	Set/16	variação (%)
Santa Catarina	39,99	39,86	-0,33	47,30	-15,73
Rio Grande do Sul	40,10	38,76	-3,34	50,50	-23,25
Mato Grosso	43,93	43,19	-1,68	69,00	-37,41
Tocantins	50,15	50,07	-0,16	65,82	-23,93

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca/saca 50kg, MT e TO = arroz sequeiro/saca 60kg.
 Fonte: Epagri/Cepa (SC), Agrolink (RS/MT/TO).

Em Santa Catarina, a etapa de semeadura das lavouras de arroz segue em ritmo intenso, a região mais adiantada é a do Litoral Norte, responsável por cerca de 25% da área cultivada no estado, que compreende as microrregiões de Joinville, Blumenau e Itajaí. Por lá mais de 90% da área destinada ao plantio já foi semeada. A região do Alto Vale do Rio Itajaí, que abrange as microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga, cultiva cerca de 7,5% da área estadual de arroz, e nessa região cerca de 40% da área de arroz foi semeada. Já na região Sul Catarinense, que responde por 63% da área cultivado com arroz no estado, é composta pelas microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, e por lá a área já semeada parra está temporada está em torno de 50%. Somando todas as regiões do estado que cultivam arroz irrigado, até última semana de setembro, cerca de 60% da área de arroz já havia sido semeada. A estiagem que assolou o estado no mês de setembro não chegou a comprometer a safra, contudo, em alguns municípios da região Sul Catarinense, a diminuição nos níveis dos rios chegou a preocupar produtores.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina

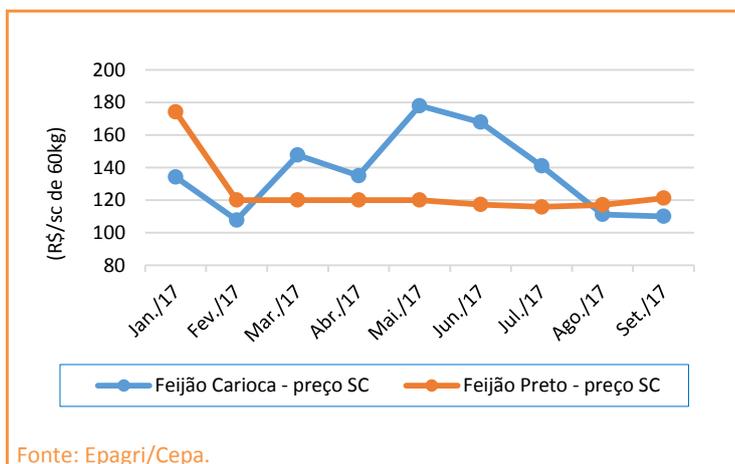
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.730	401.179	7.755	0,00	0,00	0,00
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.376	67.345	8.040	-0,04	-7,70	-7,66
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	167.558	8.034	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	3.095	17.336	5.601	0,00	0,00	0,00
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.261	73.128	7.896	0,00	-4,02	-4,02
Ituporanga	269	2.152	8.000	274	2.192	8.000	1,86	1,86	0,00
Joinville	20.036	167.916	8.381	20.036	164.871	8.229	0,00	-1,81	-1,81
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.671	97.504	9.137	-0,82	9,08	9,98
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	160.020	7.586	0,00	0,00	0,00
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	148.230	1.172.671	7.911	-0,06	-0,30	-0,25

Fonte: Epagri/Cepa (Setembro/2017).

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, cerca de 12,5% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já foi semeada. Com a volta das chuvas, o avanço no plantio foi significativo e os produtores estão em ritmo acelerado no campo. O feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) é uma cultura bastante afetada pelas condições climáticas, os principais fatores que interferem na produção e rendimento são: temperatura, precipitação e radiação solar. As altas temperaturas têm efeito prejudicial sobre o florescimento e a frutificação do feijoeiro e, temperaturas baixas reduzem os rendimentos. O déficit hídrico nas fases de floração e formação de vagens pode comprometer toda a produção, sendo crítico o período entre 15 dias antes da floração e a floração plena. Com o objetivo de minimizar o risco climático é que o Ministério da Agricultura define, a partir do zoneamento agrícola, os municípios onde pode ser cultivado feijão e os respectivos períodos de semeadura. Em Santa Catarina, para as regiões mais importantes em área e produção, a janela de plantio para o feijão primeira safra está dividida em dois períodos, o primeiro vai de 11/08/2017 a 10/10/2017 e o segundo de 11/11/2017 a 20/02/2018.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor de feijão carioca (Joaçaba/SC) e feijão preto (Canoinhas/SC) – janeiro/2017 a setembro/2017

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$ 111,18 no mês de agosto, para R\$ 110,00 no mês de setembro, redução de cerca de 1,06%, comportamento de baixa também observado em Goiás. Já no Estado do Paraná, ocorreu aumento no preço pago em cerca de 3,2%, onde a saca de 60kg do feijão carioca passou de R\$ 91,15, para R\$ 94,07. Importante ressaltar que, há um ano atrás, no mês de setembro, o produtor de feijão catarinense chegou a receber pela saca de feijão-carioca R\$ 344,29, valor que comparado ao mesmo mês deste ano, representa uma redução de 68%.

Para o feijão-preto, em Santa Catarina os preços tiveram pequena baixa de 5,09% neste mês de setembro em comparação a agosto, comportamento semelhante aos preços no Rio Grande do Sul. Em relação a um ano atrás, a redução no preço pago ao produtor pela saca de 60kg chega a cerca de 43%.

Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg

Estado	Tipo	Ago./17	Set./17	variação (%)	Set./16	variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	111,18	110	-1,06	344,29	-68,05
Paraná		91,15	94,07	3,20	339,14	-72,26
São Paulo		123,23	125,98	2,23	336,43	-62,55
Goiás		129,35	119,74	-7,43	343,62	-65,15
Santa Catarina	Feijão Preto	117,14	111,18	-5,09	195,00	-42,98
Paraná		111,63	112,41	0,70	205,39	-45,27
Rio G. do Sul		138,08	130,81	-5,27	216,51	-39,58

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP).

Atualizamos nossas estimativas para o feijão primeira safra 2017/18. Os números que levantamos junto aos agentes que atuam na cadeia produtiva, apontam para um crescimento na área plantada na ordem de 3%. Nos próximos dias deve se intensificar as operações de plantio em todo estado, com exceção das microrregiões de Joaçaba, Curitibanos e Lages, que plantam feijão apenas a partir da segunda quinzena de novembro, com destaque para o feijão-carioca. Para essa primeira safra, cerca de 54% da área plantada será com o tipo feijão-carioca, e cerca de 46% de feijão-preto. Para a microrregião de Curitibanos, das cerca de 20 mil toneladas esperadas para esta safra, cerca de 18,5 mil toneladas são do tipo feijão-carioca. Já na microrregião de Lages, das 18,5 mil toneladas esperadas, cerca de 11,7 mil toneladas serão de feijão-carioca e cerca de 6,8 mil toneladas deverão ser de feijão-preto.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (há)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/há)	Área (há)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/há)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	107	115	1.073	98	105	1.076	-8	-8	0
Blumenau	164	168	1.024	164	176	1.073	0	5	5
Campos de Lages	9.520	20.192	2.121	9.680	18.557	1.917	2	-8	-10
Canoinhas	6.160	13.450	2.183	6.000	12.746	2.124	-3	-5	-3
Chapecó	2.362	5.051	2.138	2.828	6.122	2.165	20	21	1
Concórdia	411	627	1.526	596	1.055	1.770	45	68	16
Criciúma	1.076	1.346	1.251	505	667	1.321	-53	-50	6
Curitibanos	10.095	21.026	2.083	9.095	19.967	2.195	-10	-5	5
Florianópolis	140	185	1.321	131	171	1.305	-6	-8	-1
Itajaí	7	8	1.143	9	11	1.222	29	38	7
Ituporanga	931	1.857	1.995	1.107	2.212	1.998	19	19	0
Joaçaba	3.733	7.019	1.880	3.683	6.905	1.875	-1	-2	0
Joinville	14	10	714	14	10	714	0	0	0
Rio do Sul	602	992	1.648	684	1.112	1.626	14	12	-1
São Bento do Sul	445	838	1.883	500	880	1.760	12	5	-7
São M. do Oeste	1.297	2.673	2.061	2.587	4.142	1.601	99	55	-22
Tabuleiro	400	442	1.105	485	544	1.122	21	23	2
Tijucas	264	426	1.614	204	374	1.833	-23	-12	14
Tubarão	1.057	1.503	1.422	1.040	1.488	1.431	-2	-1	1
Xanxerê	7.035	16.634	2.364	7.767	18.192	2.342	10	9	-1
Santa Catarina	45.820	94.562	2.064	47.177	95.436	2.023	3	1	-2

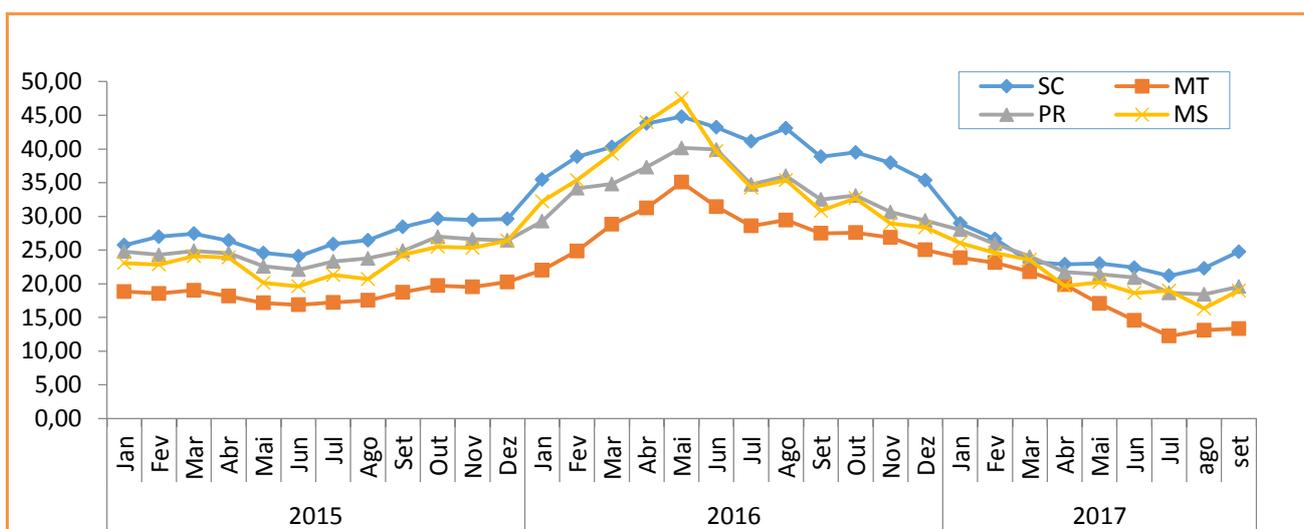
Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA – SC (set./2017).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Na safra 2016/17 Santa Catarina produziu 3,34 milhões de toneladas de milho, frente uma demanda interna de 6,59 milhões de toneladas. O incremento da produção da última safra é fundamental para a indústria de carnes, que vê possibilidade de redução de seus custos pela menor demanda pelo grão de outros estados. Estima-se que o déficit de milho do estado, de 3,26 milhões de toneladas, seja atendido pelas importações interestaduais, com origem principalmente no Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e pelas importações de países como Argentina e Paraguai, que no ano de 2016 totalizaram 611,46 mil toneladas (Síntese Agropecuária, no prelo).

No mês de setembro, os preços de milho nos principais estados produtores continuaram apresentando reação de alta, visto que até julho os preços vinham apresentando recuo. Em Mato Grosso foram registrados os menores preços e em Santa Catarina as cotações maiores, ou seja, R\$ 13,34/sc e R\$ 24,33/sc respectivamente. O encerramento da segunda safra do Mato Grosso e Paraná ainda influencia esta reação, em função da retenção de estoques na mão do produtor, à espera de melhor remuneração do produto, além de outros fatores, como a evolução das exportações brasileiras do cereal.



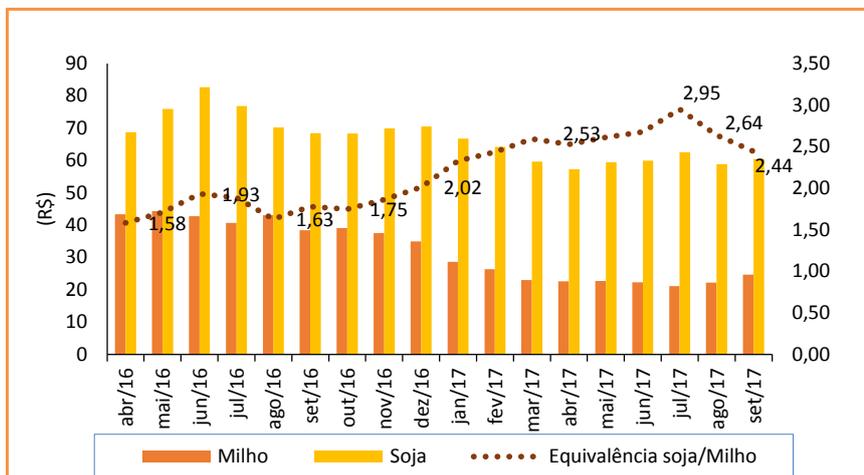
Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a 2017 set

Em Santa Catarina, os preços médios fecharam em R\$ 21,18; R\$ 22,30 e R\$ 24,33 nos meses de julho, agosto e setembro, respectivamente, pelo saco de 60kg na praça de Chapecó (praça referência no estado), o que corresponde uma elevação de 14% desde julho, índice expressivo, visto que os preços vinham em queda desde agosto de 2016.

Embora represente pouco expressão no que se refere ao mercado externo, o Estado registrou exportações de 133.932 toneladas no acumulado de janeiro a setembro de 2017. No entanto, nos últimos três meses vem apresentando volumes consideravelmente maiores que nos meses correspondentes da safra anterior, o

que acontece também em termos nacionais. Os embarques de milho do Brasil em setembro foram de 5,9 milhões de toneladas, um volume recorde¹ para o período, em agosto também foram exportados volumes significativos. No entanto, o acompanhamento da evolução das exportações nos próximos meses e o acumulado no ano deverá apresentar melhores indicadores de análise, pois o volume de grãos exportados poderá refletir nos estoques de passagem e influenciar os preços internos no Brasil.

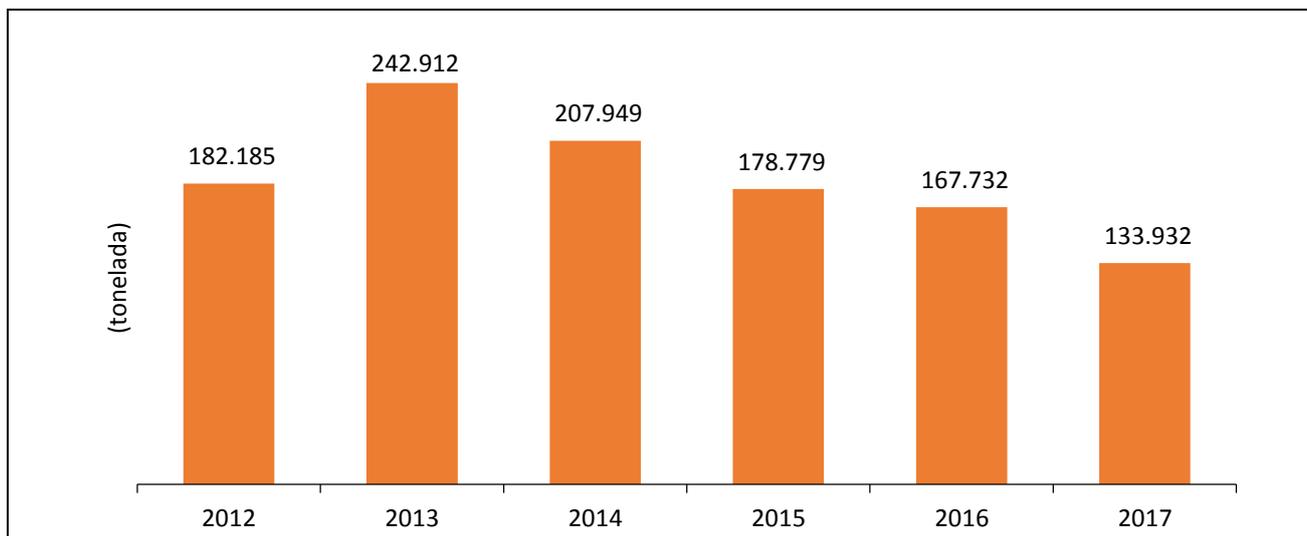


Na comparação entre os preços de milho e soja no estado, observa-se que os preços da soja, até julho, apresentaram elevação. No entanto, nos últimos dois meses esta relação diminuiu com a elevação dos preços do milho. Isto resultou numa redução na equivalência de preços de 2,64 sacos de milho para 1 saco de soja em agosto, para 2,44 em setembro, ainda bem acima do observado no mês de setembro de 2016, cuja relação foi 1,63. Mesmo com a redução desta reação em setembro, os

Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

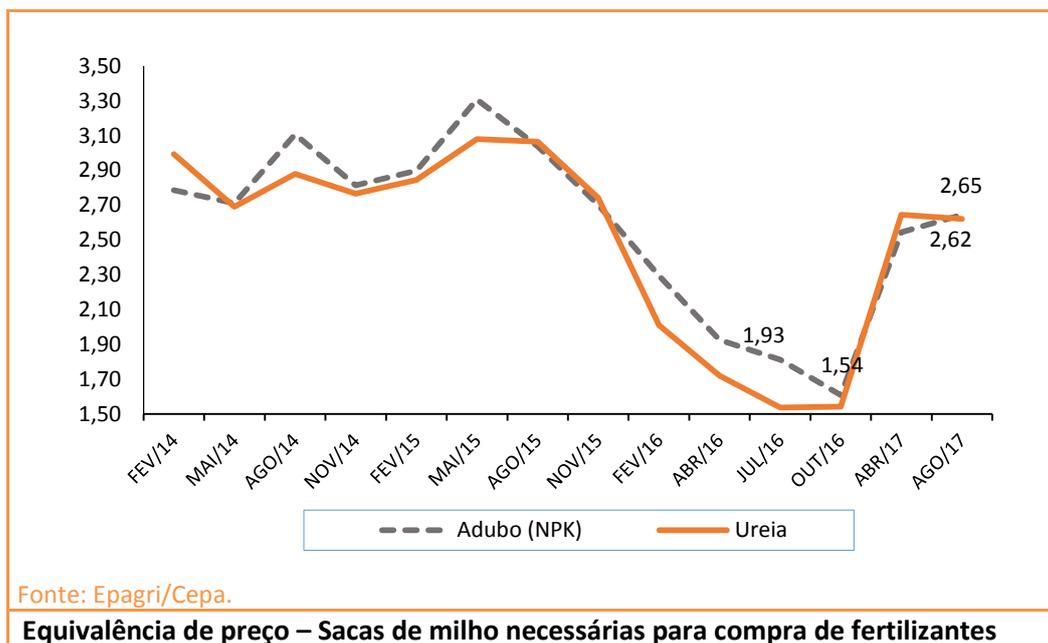
indicativos apontam que a soja, concorrente em área agrícola com o milho, se mostra mais vantajosa quando se leva em consideração os custos de produção e a rentabilidade em Santa Catarina. Considera-se que no Estado, quando essa relação de equivalência é superior a 2,3, as condições de produção são favoráveis ao sojicultor.



Fonte: Secex/MDIC.

Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012 – ago./2017) – em toneladas

¹ MDIC. Exportações. <http://alicesweb.mdic.gov.br//consulta-ncm/consultar>



Quanto à equivalência de preço, sacas de milho necessários para compra de fertilizantes. Observa-se que em agosto uma melhora desta relação com o avanço dos preços do milho, mesmo assim, são necessários cerca de 2,62 sacos de 60kg de milho para adquirir um saco de adubo NPK (0-20-20) de 50kg e 2,65 sacos de milho para adquirir um saco de 50 kg de ureia. Em abril de 2016 a relação estava em 1,72 para o adubo e 1,93 para a ureia, até outubro esta relação foi abaixo de 2:1. Tal valorização se explica pelo fato de naquele mês os preços do milho grão estar elevados e os preços dos insumos terem sofrido leve redução. A relação de troca com os principais insumos é um dos fatores que o produtor deve levar em consideração no momento de venda do produto e também influencia no momento da nova safra.

Estimativa da safra 2017/208 – milho grão

A safra de milho no estado para 2016/17 registrou uma variação de área cultivada de 2,12% superior em relação à safra anterior. Apresentou uma boa produtividade (14,8% maior) para o grão no estado, com uma produção 17,27% superior em relação à safra anterior. A área cultivada em 2016/17 foi de 379 mil hectares e produção de 3,2 milhões de toneladas. A produtividade média alcançada no estado foi de 8,5 toneladas por hectare, bem acima da média nacional de 5,5t/ha. Essa safra que se encerrou pode ser considerada, excelente, sendo uma das maiores nos últimos dez anos.

A estimativa de plantio para a nova safra 2017/18 de milho grão foi apresentada em setembro pela Epagri/Cepa. A expectativa é de redução na área plantada de 12,36% e de 4,7% no rendimento em relação à safra anterior, o que poderá resultar na redução da produção em torno de 16% (Tabela Milho grão Estimativa 2017/18). Este indicativo se dá em função do baixo nível dos preços pagos ao produtor neste ano, pela elevação do custo de produção e pela opção de plantio de soja, que apresenta preços mais estáveis. A área crescente de plantio de milho silagem também explica a redução da área com milho grão. Embora os preços estejam reagindo desde julho, esta reação não está refletindo na intenção de plantio até o momento, uma vez que algumas regiões já estão com plantio consolidado.

Panorama regional:

Oeste Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste - Após período de estiagem nos meses de ago./set, as chuvas retornaram com bons volumes, que restabeleceram a umidade do solo. Até o dia 15 de outubro, grande parte das áreas de milho da região está semeadas, estando praticamente finalizado o plantio. Em algumas áreas aconteceu ataque severo de lagarta, porém com os devidos tratamentos pelos produtores. Há relatos que algumas áreas tiveram que ser ressemeadas, alcançando 10% em alguns municípios. Com chuvas mais regulares, o problema se amenizou.

Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos, Caçador: Plantio avançando rapidamente com a regularização das chuvas. Em torno de 40% da área foi semeada até 15/10. Nas áreas maiores, a expectativa é que se finalize a semeadura até 20 de outubro. Nas áreas menores o plantio se prolonga até o final de dezembro. Algumas áreas pontuais estabelecidas durante o período entre 23 agosto e 27 de setembro estão sendo replantadas. Com as chuva regulares, o ritmo de semeadura avança com maior intensidade.

Campos de Lages: Início de plantio ocorre após dia 15 de outubro.

Região Norte: Com o retorno das chuvas os trabalhos de plantio se intensificaram, chegando a 75% da área semeada até 15 outubro. O evento climático (estiagem) para as áreas com plantio de milho não causaram maiores problemas, somente um pequeno atraso no calendário de plantio das grandes áreas.

Alto Vale o Itajaí – Em torno de 80% de áreas semeadas até 15 de outubro.

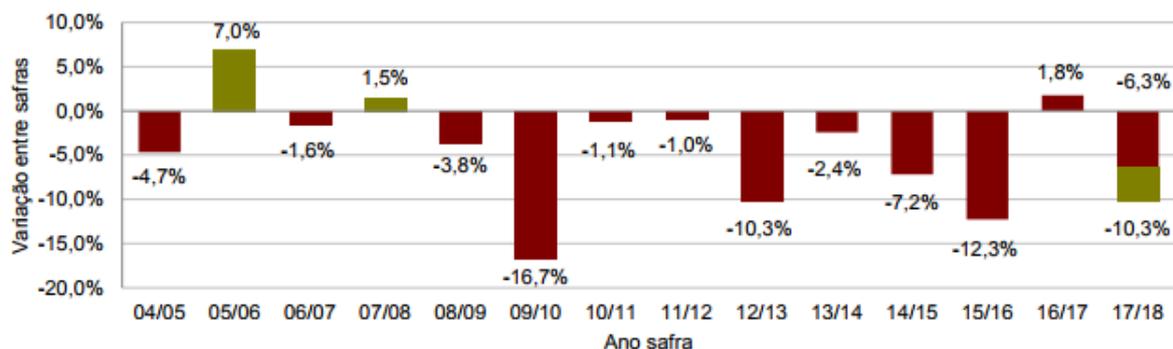
Milho grão 1ª safra – Estimativa Safra 2017/18 Santa Catarina e variação em relação à 2016/17									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá ⁽¹⁾	7.209	28.766	3.990	7.734	53.433	6.909	7,28	85,75	73,15
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos Lages	36.010	264.126	7.335	31.630	234.414	7.411	-12,16	-11,25	1,04
Canoinhas	32.100	304.670	9.491	28.800	267.460	9.287	-10,28	-12,21	-2,15
Chapecó	59.025	521.942	8.843	51.700	473.041	9.150	-12,41	-9,37	3,47
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.230	191.815	8.629	-7,10	-4,98	2,29
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	46.383	6.954	-6,77	9,61	17,56
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	17.360	180.834	10.417	-19,66	-24,51	-6,04
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	9.744	63.525	6.519	-12,37	-18,69	-7,21
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	445.068	9.059	-17,68	-29,38	-14,21
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	19.225	109.719	5.707	-8,15	-15,56	-8,07
São B. do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	32.960	7.491	-12,00	-6,36	6,40
São M. Oeste	39.500	330.930	8.378	35.340	246.754	6.982	-10,53	-25,44	-16,66
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	32.215	6.213	10,41	40,13	26,91
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	21.220	221.805	10.453	-22,21	-23,09	-1,12
Santa Catarina	362.987	3.147.214	8.670	318.109	2.627.613	8.260	-12,36	-16,51	-4,73

⁽¹⁾ Microrregião de Araranguá e Tubarão teve seu rendimento de grão ajustados relativo a safra passada.

Fonte: Epagri/Cepa.

Milho primeira safra - Brasil

Os impactos da boa produção da safra passada refletem em redução da área plantada para a safra 2017/18, uma vez que os preços mantiveram-se em um patamar abaixo do ano anterior. A perspectiva é de redução entre 10,3% a 6,3%, observando os limites inferiores e superiores para a primeira safra de milho, o que compreende diminuição de área absoluta entre 552,5 e 336,3 mil hectares a nível nacional (Conab, out. 2017).



Fonte: Conab.

Comportamento da evolução da área de milho – Brasil

REFERÊNCIAS

Conab|acompanhamento da safra brasileira de grãos|v. 4 - Safra 2017/18, n 12 - N. 1 - Primeiro levantamento|outubro 2017 grãos Acompanhamento da safra brasileira observatório agrícola ISSN 2318-6852 Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2017/18 - Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-122 outubro 2017. http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_10_10_09_01_17_graos_outubro_2017.pdf

Usda: **World Markets and Trade, July, 2017**. Consulta em 2 ago. 2017: <http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/wasde/wasde-07-12-2017.pdf>

Milho silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Evolução do cultivo em Santa Catarina em 10 anos.

Na estação fria, as temperaturas baixas e as geadas que ocorrem na Região Sul determinam uma diminuição em quantidade e qualidade das pastagens. Em alguns anos, como na atual safra em curso, acontecem períodos de estiagens que afetam também o crescimento normal das pastagens. A produção e utilização de forragens conservadas nos sistemas de produção de leite têm como principais objetivos: elevar e estabilizar a disponibilidade de forragem; complementar e/ou substituir dietas nos períodos de escassez; equilibrar as dietas e aumentar a carga animal². Entre as opções de forrageiras para ensilagem, o milho se destaca por apresentar grande produtividade de matéria seca, bom valor nutritivo e boa digestibilidade.

A silagem de milho é considerada padrão, em virtude dos adequados teores de carboidratos solúveis, promovendo a conservação de um alimento de alto valor nutritivo, de fácil preparo e de grande aceitação pelos animais, com grande produção de massa verde e teor adequado de matéria seca. Em estudo com silagem de milho foram encontrados valores de 27,3% de Matéria seca (MS), 7,2% de Proteína Bruta, 51,5% de Fibras e 4,0% de lignina³. Sendo assim, é muito utilizada para alimentação na bovinocultura de leite.

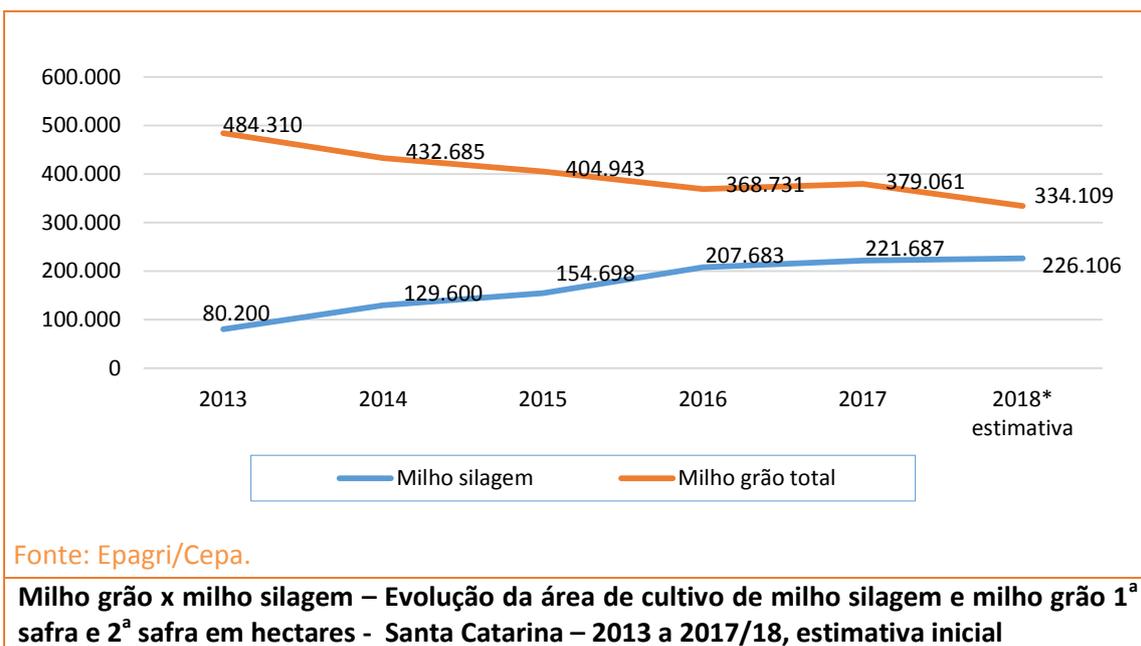
A produção leiteira em Santa Catarina, ao contrário do Brasil, nos últimos anos seguiu uma trajetória de crescimento. Em 2016, tomando por base o comportamento da produção comercializada para as indústrias inspecionadas apresenta novo crescimento. No que diz respeito ao volume de leite recebido pelas indústrias inspecionadas, Santa Catarina teve crescimento de 3,8% de 2015 para 2016, o inverso do que houve na maioria dos estados e no País. Com taxas de crescimento em geral superiores às do Brasil, o Estado ampliou significativamente sua participação na oferta de leite às indústrias brasileiras, alcançando 10,5%, em 2016 (Síntese Anual da Agricultura Catarinense, 2016/17 no prelo).

Para atender esta demanda crescente da produção leiteira, o plantio de milho silagem tem alcançado ao longo dos últimos anos áreas de cultivo cada vez maiores. O milho destinado à produção de silagem, diferentemente do milho grão, vem apresentando crescimento constante ao longo dos últimos anos, seja em relação a área de plantio, como produção. No comparativo safras 2015/16 e 2016/17 verificou-se incremento de 4,5% na área plantada e 14,39% na produção, resultando em 220 mil hectares e 9,37 milhões de toneladas, estimulado em especial pelo crescimento da produção leiteira do estado.

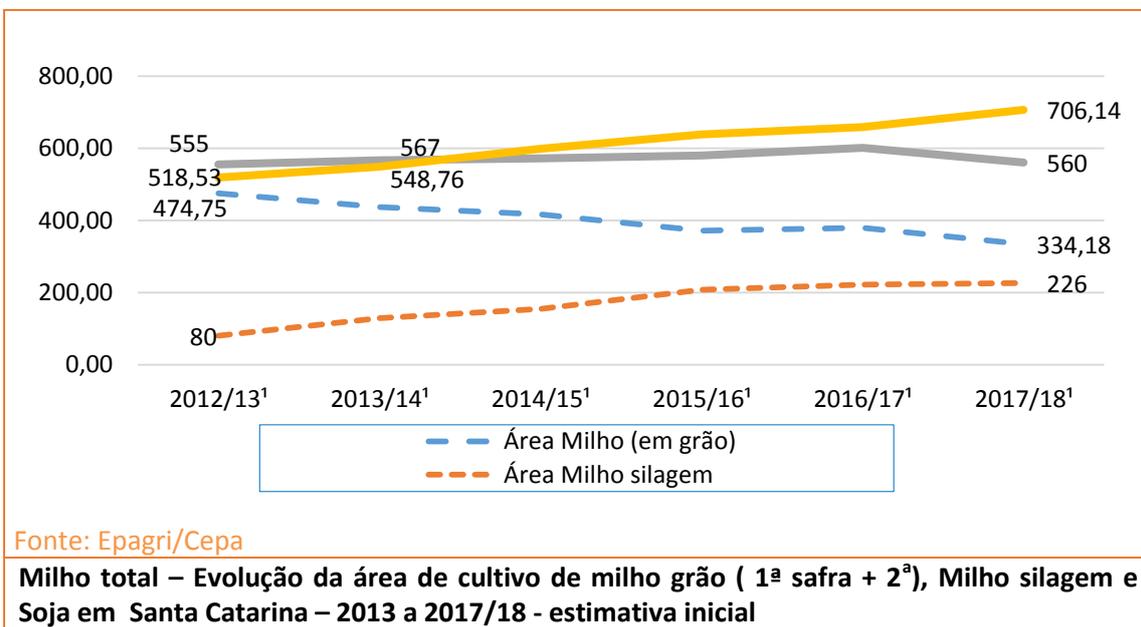
Para a próxima safra, 2017/18, a estimativa inicial é de crescimento da área em 2%, passando de 221,6 mil hectares para 226,1 mil hectares. Desde que a Epagri/Cepa iniciou o acompanhamento, o cultivo de milho silagem, a área passou de 80.200 ha em 2013 para 226.000 ha em 2017/18 (estimativa inicial Epagri/Cepa), isto representa uma taxa de crescimento de 18,8% ao longo dos seis anos monitorados, uma evolução muito consistente, figura a seguir. No mesmo período, o milho grão em Santa Catarina teve um decréscimo de 6% ao ano na área de cultivo. No período analisado 2012/13 á 2017/2018 (estimativa), o milho grão, incluindo milho 1^a safra e 2^a safra perdeu 150.221 ha, enquanto o milho silagem ganhou 145.800 ha, de onde se conclui que o milho silagem avançou área significativa do milho grão no período analisado.

² GOMES, S.T. Situação atual e tendências da competitividade de sistemas de produção. In: VILELA, D. et al. (eds.) **O agronegócio do leite e políticas públicas para o seu desenvolvimento sustentável**. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2002. p. 67-81..

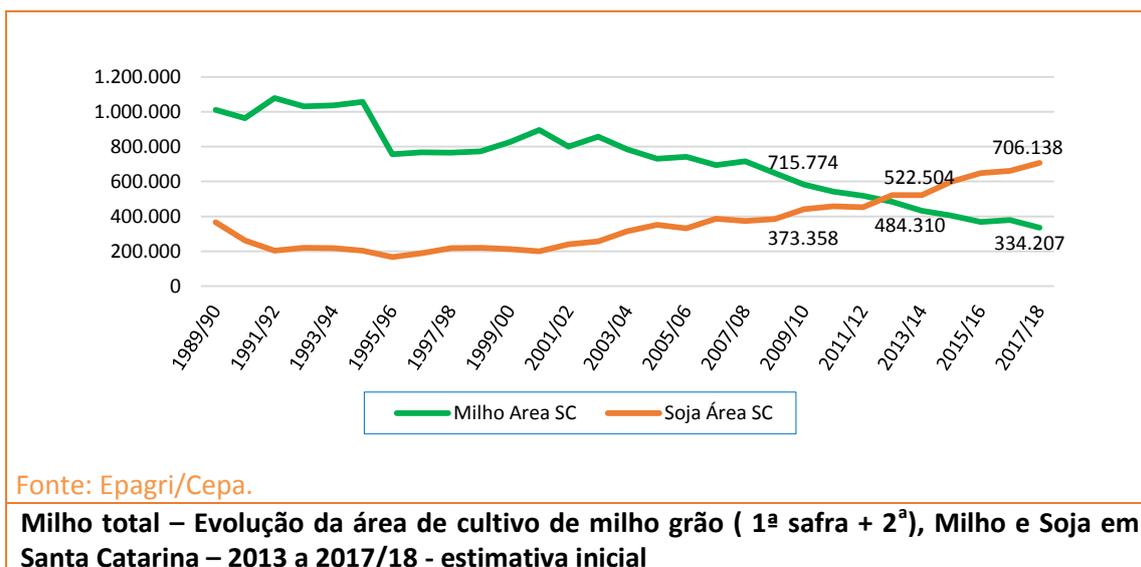
³ TOMICH, T.R.; TOMICH, R.G.P.; GONÇALVES, L.C. et al. Valor nutricional de híbridos de sorgo com capim-Sudão em comparação ao det al. volumosos utilizados no período de baixa disponibilidade das pastagens. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.58, n.6, p.1249-1252, 2006.



Quando avaliamos a evolução das áreas de cultivo de milho total (milho grão + milho silagem), verificamos que: a área cultivada em 2012/13 estava em torno de 555.000 ha, alcançando 560.000 ha na projeção inicial para 2017/18. Constatamos uma estabilidade no agrupamento milho grão + milho silagem (Tabela).



No entanto, em períodos anteriores, avaliando a evolução da área cultivada da soja e milho, verificamos de 2008 – 2012 o milho perdeu mais de 200 mil hectares, enquanto a soja ganhou próximo de 150 mil hectares (Tabela), em grande parte de área de milho grão e de outras culturas, como feijão e pastagens. Desde então, o milho destinado a silagem teve um crescimento considerável.



A produção de milho silagem se concentra na região Oeste, destacamos a expressiva área de milho cultivada nas regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste, que juntas somam em torno de 105 mil hectares, 48% do total do estado na safra 2016/17, sendo explicado pela expressiva presença da pecuária leiteira nessas regiões. Outra região que apresenta área significativa é Concórdia com 26.630ha.

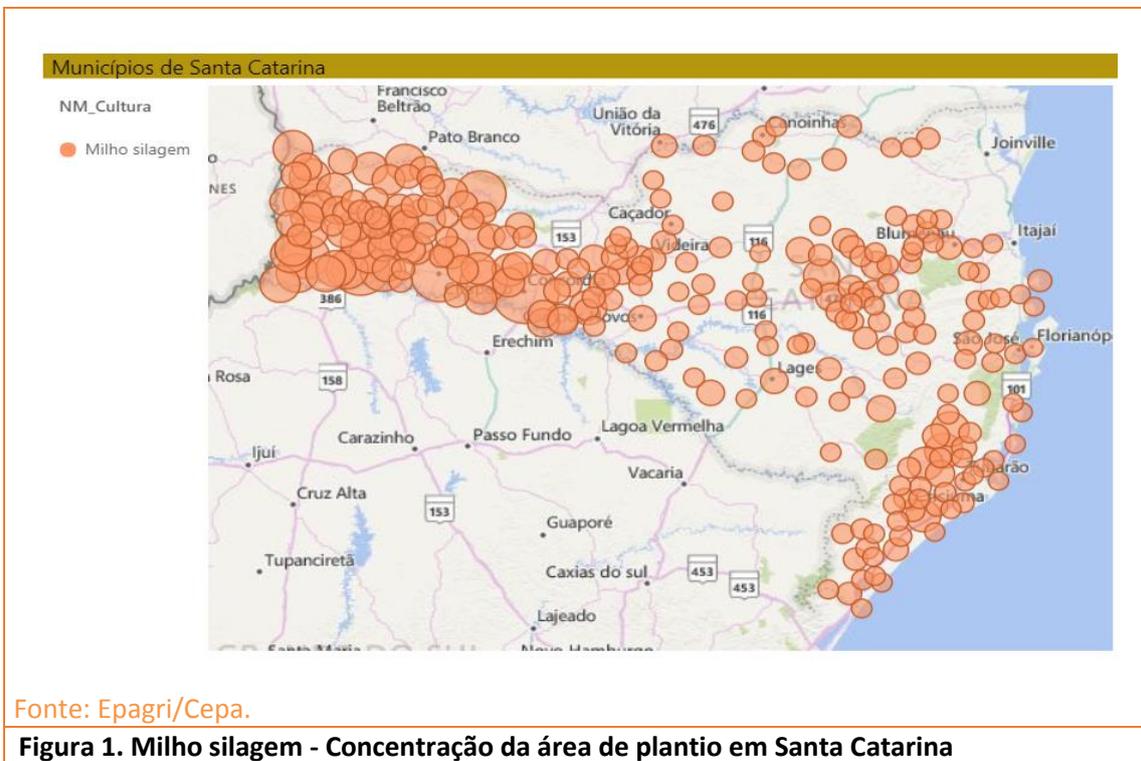
Milho silagem – Comparativo da safra 2016/17-2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 Estimativa inicial			Est. Inicial / safra ant. (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. (Kg/ha)
Araranguá	4.847	166.919	34.438	4.872	167.944	34.471	0,5	0,6	0,1
Blumenau	1.824	70.895	38.868	1.824	70.895	38.868	0,0	0,0	0,0
Campos de Lages	5.530	270.550	48.924	5.690	277.050	48.691	2,9	2,4	-0,5
Canoinhas	4.150	163.000	39.277	4.670	172.750	36.991	12,5	6,0	-5,8
Chapecó	57.700	2.629.000	45.563	57.160	2.620.435	45.844	-0,9	-0,3	0,6
Concórdia	26.630	980.900	36.834	27.080	1.239.400	45.768	1,7	26,4	24,3
Criciúma	3.808	180.490	47.398	4.324	195.163	45.135	13,6	8,1	-4,8
Curitibanos	2.550	138.450	54.294	2.550	114.750	45.000	0,0	-17,1	-17,1
Florianópolis	331	13.700	41.390	331	13.700	41.390	0,0	0,0	0,0
Itajaí	61	1.827	29.951	61	1.827	29.951	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	2.350	95.000	40.426	2.350	81.150	34.532	0,0	-14,6	-14,6
Joaçaba	15.520	922.650	59.449	15.520	698.400	45.000	0,0	-24,3	-24,3
Rio do Sul	14.680	542.550	36.958	14.680	496.050	33.791	0,0	-8,6	-8,6
São Bento do Sul	610	34.900	57.213	650	24.900	38.308	6,6	-28,7	-33,0
São Miguel do Oeste	47.905	1.879.275	39.229	50.205	1.979.025	39.419	4,8	5,3	0,5
Tabuleiro	1.339	71.998	53.770	1.339	71.998	53.770	0,0	0,0	0,0
Tijucas	2.506	72.050	28.751	2.506	72.050	28.751	0,0	0,0	0,0
Tubarão	12.626	487.676	38.625	12.624	488.204	38.673	0,0	0,1	0,1
Xanxerê	16.720	855.200	51.148	17.670	881.700	49.898	5,7	3,1	-2,4
Santa Catarina	221.687	9.577.030	43.201	226.106	9.667.391	42.756	2,0	0,9	-1,0

Fonte: Epagri/Cepa.

As figuras abaixo ilustram a concentração do cultivo do milho silagem no Oeste Catarinense (Figura 1) e os 10 municípios com maior área de cultivo (Figura 2), todos localizados na região Oeste.

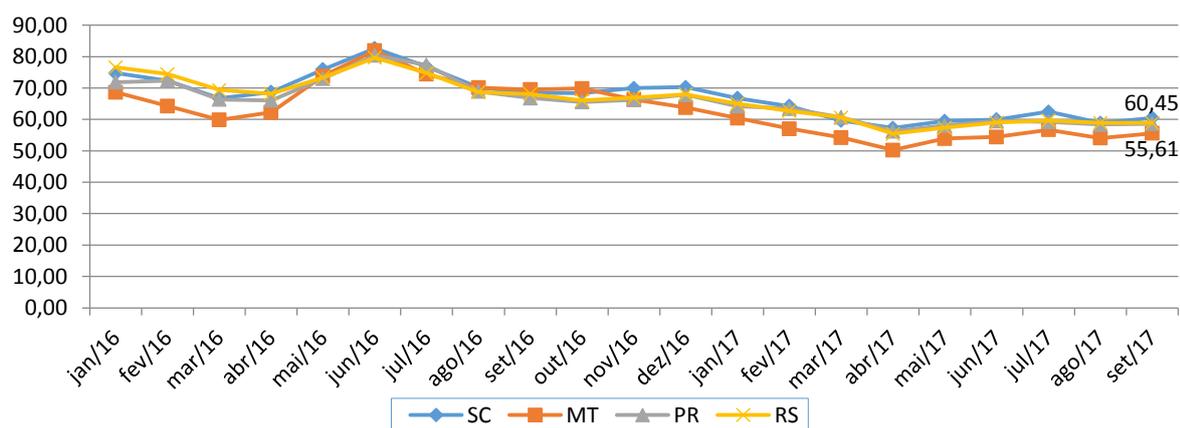
A participação das sementes disponibilizadas pela Secretaria da Agricultura do Estado, por intermédio do programa Terra Boa alcança 220 mil sacas por ano, sendo que, o maior volume destas são destinadas para o plantio de milho silagem, em especial pelos pequenos produtores.



Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Após um recuo dos preços em agosto, no mês de setembro nas principais praças dos estados produtores a saca de 60Kg fechou em R\$ 55,61, R\$ 58,66 e R\$ 58,92 no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de agosto os preços tiveram em média 1,5% de reajuste. No comparativo com o mesmo mês no ano passado, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -14,4%. Em Santa Catarina os preços apresentaram ligeira alta, R\$ 58,8 agosto para R\$ 60,45 em setembro, o que representa uma variação de 2,8%. A safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores estavam reforçando a tendência de queda dos preços até abril. A correção negativa dos estoques mundiais no relatório do Usda em final de junho, pressionaram os preços em julho. Nos últimos três meses as cotações de soja no CBOT vem oscilando conforme as condições climáticas e os relatórios do Usda⁴ de acompanhamento de safra que em setembro, trouxe números maiores do que o esperado para a soja nos Estados Unidos, os quais ficaram, portanto, acima das expectativas, o que influenciou o mercado no recuo dos preços. Em início de outubro houve novamente ajuste dos números da safra, que fizeram com que as estimativas do relatório de soja referente à safra 17/18 dos EUA surpreendessem o mercado. A principal mudança observada foi referente ao rendimento da safra 17/18, que mostrou uma redução de 0,47 sc/ha. Essa redução foi suficiente para compensar o aumento de área da safra 17/18, que foi para 36,21 milhões de hectares. Em reflexo aos novos números, os estoques finais também foram reajustados para baixo. A safra brasileira, Conab 2017/18, registra uma estimativa de crescimento na área entre 1,6 e 3,8%, no entanto, a produção poderá ser menor devido às excepcionais condições climáticas na safra anterior. Assim, a divulgação do relatório, apresentou reflexos para os preços internos no Brasil.

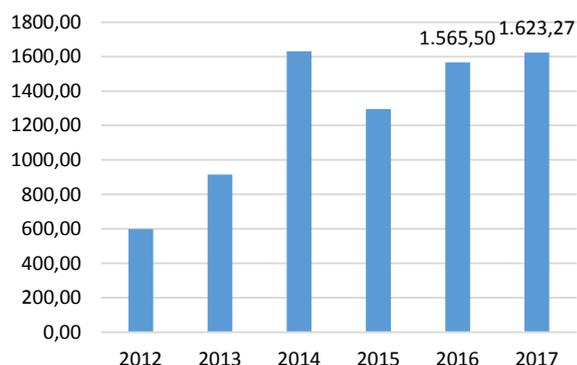


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a set./2017

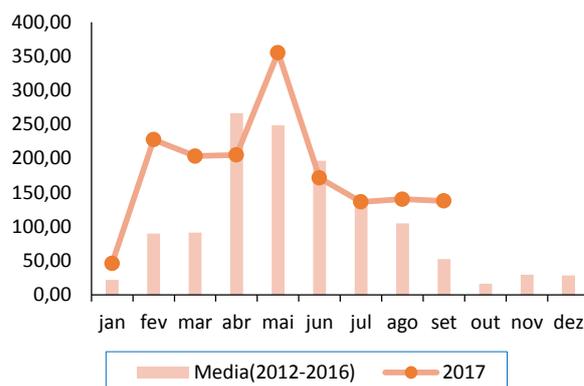
⁴Usda. Released August 10, 2017, by the National Agricultural Statistics Service (NASS), Agricultural Statistics Board, United States Department of Agriculture (Usda).<http://usda.mannlib.cornell.edu/usda/current/CropProd/CropProd-08-10-2017.pdf>

Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também gerou efeitos negativos sobre os preços desde meados do ano anterior. No acumulado do ano, o volume exportado de janeiro a setembro já alcançou o total de volume exportado em todo o ano de 2016, fechando em 1.623 mil toneladas. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semente de Santa Catarina (2012 a set 2017) – em mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a set 2017) – em mil toneladas

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 658 mil hectares. As condições meteorológicas favoráveis, com chuvas regulares, boa insolação em grande parte da área produtiva do estado, bem como a tecnologia adotada, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13,4% maior em relação à safra anterior.

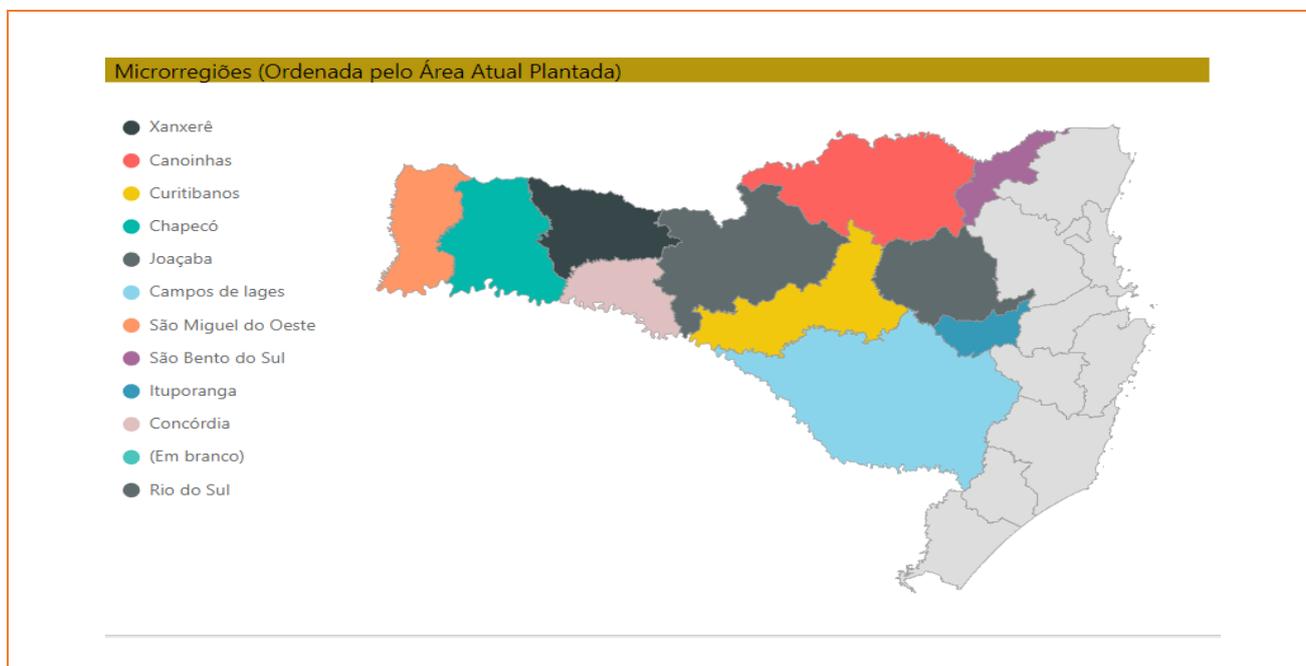
Para a Safra 2017/18, a estimativa inicial de cultivo da leguminosa confirma a crescente expansão em termos de área. Há expectativa de incremento de área de 7,3% em relação a safra anterior 2016/17. Esta área conquistada vem da redução principalmente de área do milho, mas a soja ao longo dos anos tem avançado também em áreas de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas. No entanto, quanto ao rendimento, há um indicativo de variação de -2,3%, uma vez que a safra anterior foi incomum, apresentando rendimento nunca antes verificado em função das condições climáticas favoráveis, já mencionadas. Esta expectativa está em acordo com as perspectivas da safra nacional, pois mesmo com o crescimento previsto na área entre 1,6 e 3,8%, a produção poderá ser menor devido às excepcionais condições climáticas na safra anterior, pois é pouco provável que tais condições sejam semelhantes na safra que se inicia.

Soja – Comparativo da safra 2016/17-2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 estimativa inicial			Est. inicial/safra ant. (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. (Kg/ha)
C. de Lages	59.770	199.292	3.334	62.950	213.768	3.396	5,3	7,3	1,8
Canoinhas	131.600	501.870	3.814	140.300	500.480	3.567	6,6	-0,3	-6,5
Chapecó	88.512	292.035	3.299	94.135	312.426	3.319	6,4	7,0	0,6
Concórdia	5.617	20.309	3.616	6.076	19.935	3.281	8,2	-1,8	-9,3
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	459.392	4.065	4,9	2,3	-2,5
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	8.630	27.924	3.236	12,2	-7,5	-17,5
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.435	13.785	3.108	12,7	0,6	-10,8
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	51.000	3.248	4,7	2,2	-2,4
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	44.870	139.201	3.102	4,9	8,4	3,3
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.370	536.368	3.615	7,0	9,1	2,0
Santa Catarina	658.254	2.413.801	3.667	706.138	2.530.274	3.583	7,3	4,8	-2,3

Fonte: Epagri/Cepa.

As regiões do estado que mais concentram a produção são: Canoinhas, Curitibanos (que inclui Campos Novos, maior produtor do estado) e Xanxerê que, juntas somam mais de 400.000 ha (56% do total da área cultivada no Estado) considerando as estimativas iniciais safra 2017/18.



Panorama regional:

Região Oeste: Chapecó, Xanxerê, São Miguel do Oeste: Os plantios estão acontecendo gradualmente em função das chuvas dos últimos dias, e devem ser mais intenso conforme condições climáticas/chuvas permitir, devendo também se estender até final de outubro, quando deverá estar finalizado plantio na região;

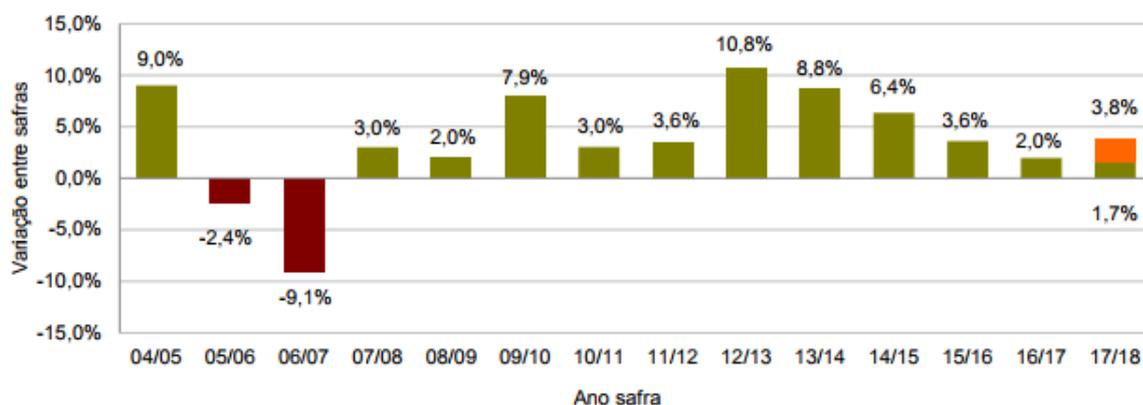
Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador: Início dos plantios, em torno de 3% semeado, devendo se estender até meados de dezembro;

Campos de Lages: Início dos plantios acontece no final de outubro em função das temperaturas que ainda permanecem baixas, em torno de 10-12°C as mínimas registradas nos dias 15 a 17 de outubro (Epagri/Ciram);

Região Norte (Canoinhas, Mafra): Em torno de 25% da área já plantada até 15 outubro; segue em ritmo intenso até final do mês.

Soja – safra brasileira:

A área tem sido a protagonista do aumento da produção de soja no Brasil nos últimos 20 anos⁵. A sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem que a estimativa seja de crescimento de área de produção, podendo atingir entre 34,5 e 35,2 milhões de hectares, na safra 2017/18, o que seria incremento médio de aproximadamente 2,7% em relação à safra anterior⁶. A tendência de crescimento tem sido observada em praticamente todos os principais estados produtores, até em Santa Catarina, que apresenta grande demanda de milho, tem a área de soja acrescida a cada ano.



Fonte: Conab.

⁵ Compêndio de Estudos Conab / Companhia Nacional de Abastecimento. – A produtividade da soja: Análise e perspectivas, v. 10. - Brasília: Conab, 2017.

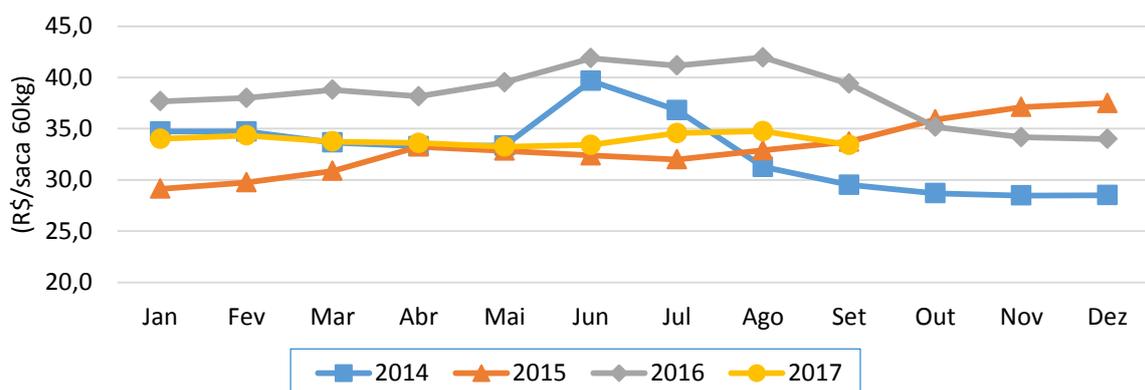
⁶ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 4 - Safra 2017/18, n.1 - Primeiro levantamento, outubro 2017

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina, até o final da última semana de setembro, cerca de 80% da área destinada ao plantio de trigo para a safra 2017/18 encontrava-se em fase de floração. As microrregiões mais tardias são Joaçaba e Curitibaanos. Com uma estiagem prolongada que chegou a mais de 30 dias sem chuvas em algumas das principais regiões produtoras de trigo no estado, o que se observa à campo são lavouras bastante desuniformes. Os motivos que contribuíram para essa frustrante safra de trigo foi primeiramente o período de estiagem na implantação das lavouras. As áreas semeadas em meados de junho enfrentaram período superior a 20 dias sem chuvas, resultando em lavouras de baixo stand, ou seja, poucas plantas por metro quadrado e com baixo porte (em torno de 30cm).

Na fase de floração, as lavouras de trigo novamente enfrentaram cerca de 38 dias sem chuvas, o que resultou em espigas pequenas, com grãos miúdos ou espigas sem formação de grãos. Ainda em decorrência da estiagem, houve aumento de pragas e doenças, o que levou a maior número de pulverizações, aumentando consequentemente os custos de produção. Com as precipitações que atingiram todo o estado, ocorridas a partir do dia 28 de setembro, as lavouras voltaram a apresentar bom aspecto visual, contudo não se tem muita esperança de recuperação, pois muitas delas já estão debilitadas, com poucos perfilho e potencial produtivo comprometido. Os preços continuam em queda. Na comparação do mesmo período entre os anos de 2016 e 2014, o comportamento de queda nesta época do ano é semelhante. Nesses anos o clima colaborou com as safras e os moinhos estavam bem abastecidos. Diferentemente do ano de 2015, quando as cotações elevadas do milho, aliados à safra problemática de trigo em função de eventos climáticos, puxaram os preços para cima fazendo com o que trigo obtivesse boas cotações nos preços pagos aos produtores.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo Grão – Evolução do preço nominal – Santa Catarina (2014-17)

O preço da saca de 60kg de trigo grão pago ao produtor continuou em queda no mês de setembro. Em Santa Catarina a redução foi aproximadamente 15,16% em comparação com o mês de agosto. No Paraná, estado que já começa a colher a safra 2017/18, a redução no preço foi da ordem de 15,51%. No mês passado a saca foi cotada a R\$35,01, contra R\$32,64 no mês de setembro. No estado do Rio Grande do Sul, a redução foi ainda maior, em torno de 21%, e no estado de São Paulo, queda de 16,12%.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg

Estado	Ago./17	Set/17	Varição (%)	Set/16	Varição (%)
Santa Catarina	34,75	33,42	-3,83	39,39	-15,16
Paraná	35,01	32,64	-6,77	38,63	-15,51
Rio Grande do Sul	31,75	30,91	-2,65	39,03	-20,80
São Paulo	39,90	37,93	-4,94	45,22	-16,12

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP).

Com cerca de 90% da área destinada ao plantio de trigo em fase de plena de floração, a estiagem que se encerrou nos últimos dias de setembro comprometeu boa parte da produção estadual de trigo. Em algumas regiões foi observado que o produtor optou por abandonar algumas lavouras, devido ao pouco desenvolvimento das plantas em decorrência de falta de chuvas no desenvolvimento inicial ou mesmo na fase de floração. Em muitos casos, produtores optaram por dessecar as área de trigo para plantio de milho.

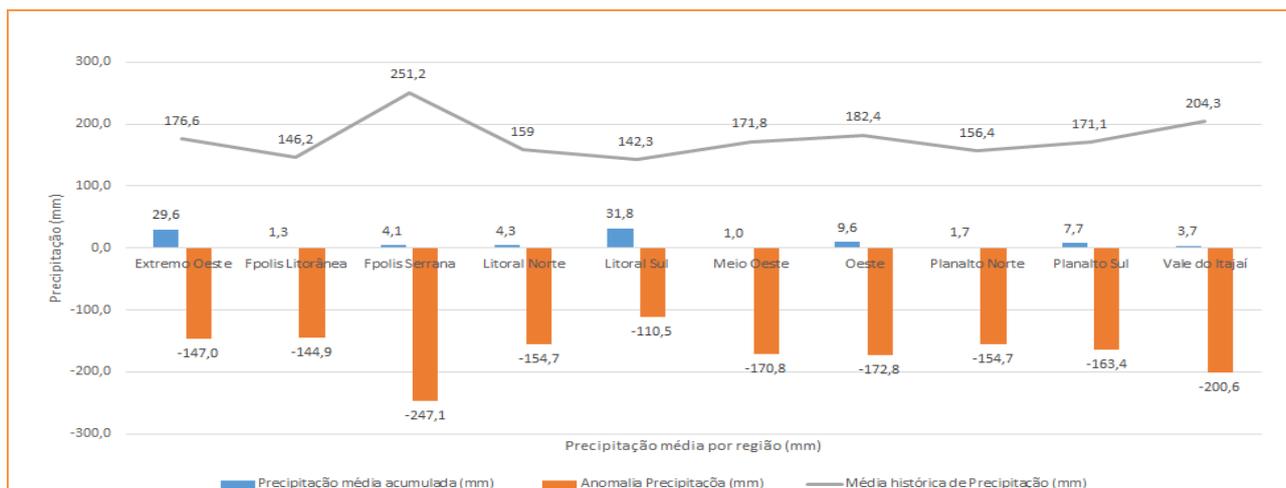
Para esta estimativa de setembro, já computamos possíveis perdas em produção e rendimento em função da estiagem. Nosso números apontam para uma redução em produção na ordem de 42% em relação à safra passada, e em rendimento a redução provavelmente passará de 21%. Resta aguardar a colheita para confirmar esses números, mas podemos afirmar com segurança que será um dos piores anos da história para os produtores de trigo do estado.

Trigo Grão – Comparativo safra 2016/17 e Estimativa atual safra 2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual Safra 2017/18			Varição (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.700	6.030	3.547	540	1.150	2.130	-68	-81	-40
Canoinhas	14.900	54.474	3.656	9.280	21.278	2.293	-38	-61	-37
Chapecó	16.610	46.491	2.799	13.520	39.329	2.909	-19	-15	4
Concórdia	622	1.742	2.800	906	2.511	2.771	46	44	-1
Curitibanos	10.648	44.486	4.178	7.510	16.002	2.131	-29	-64	-49
Ituporanga	1.585	4.128	2.604	505	1.053	2.085	-68	-74	-20
Joaçaba	4.790	18.590	3.881	3.440	7.512	2.184	-28	-60	-44
Rio do Sul	445	1.045	2.348	225	485	2.156	-49	-54	-8
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	323	2.153	-40	-62	-36
São M. do Oeste	2.295	7.325	3.192	2.805	8.532	3.042	22	16	-5
Xanxerê	15.175	43.719	2.881	12.445	35.415	2.846	-18	-19	-1
Outras	68	180	2.647						
Santa Catarina	69.088	229.052	3.315	51.326	133.590	2.603	-26	-42	-21

Fonte: Epagri/Cepa (Setembro/2017).

Com base nas informações do Epagri/Ciram, podemos verificar que no mês de setembro a precipitação média acumulada ficou muito abaixo da média histórica para todas as regiões do estado. Nas principais regiões produtoras de trigo do estado foram observadas as maiores anomalias em termos de precipitação média. Esse período de estiagem atingiu boa parte das lavouras do estado na fase de floração e enchimento de grão, estádios fenológicos que quando são afetados, interferem significativamente no potencial produtivo das cultura do trigo.



Fonte: Epagri/Ciram.

Precipitação acumulada (mm), anomalias, e normal climatológica no período entre 01 a 21/09/2017 por regiões no estado de Santa Catarina

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Segue perspectiva de boa produção para a safra catarinense.

A safra de alho 2017/18, em Santa Catarina, segundo dados da Epagri/Cepa, atinge 2.500ha de área plantada, perfazendo uma participação superior a 22% da área em produção no Brasil. Para esta safra o incremento de área em Santa Catarina foi em torno de 20%.

Essa cultura, no estado catarinense, tem características importantes quando observada sob o prisma socioeconômico, pois é uma produção essencialmente realizada por agricultores familiares em pequenas áreas, grande diferencial da produção agropecuária de Santa Catarina.

Os resultados da produção e o retorno econômico da safra 2016/17, propiciaram um ambiente positivo em relação as perspectivas da próxima safra já implantada, o que levou agricultores a manter ou ampliar investimento em tecnologias com o objetivo de atingir melhores patamares de produção e produtividade.

As lavouras se encontram em pleno desenvolvimento vegetativo em período de enchimento dos bulbos. De modo geral, as lavouras foram bem implantadas e estão sendo conduzidas com adequado manejo em termos de tratamentos culturais, controle de pragas, doenças e água de irrigação.

Nas últimas décadas, a cultura do alho em Santa Catarina vem sendo produzida por produtores que têm se profissionalizado muito em termos de conhecimentos técnicos propriamente dito e também pelos investimentos em infraestrutura de produção nas propriedades em si com aquisição de máquinas e equipamentos. Dessa forma a irrigação, gargalo importante do processo de produção, se consolidou largamente e hoje está presente em mais de 95% das unidades de produção nas principais regiões tradicionais da cultura do alho de Santa Catarina.

Em relação a conjuntura da próxima safra, de interesse direto dos produtores catarinenses, cabe registrar que o cenário de modo geral, é de importantes incrementos tecnológicos produtivos e também de aumento da área plantada que se reflete nacionalmente. Nesse sentido, cabe uma atenção especial dos produtores para que façam uma boa gestão de seus custos de produção das lavouras e valorizem obter produção de boa qualidade, pois o mercado da próxima safra deverá apresentar-se mais ofertado e concorrido, e poderá refletir nos preços pagos aos produtores.

Esse cenário para a safra 2017/18 tem como base informações de aumento da área de plantio em todas as regiões brasileiras tradicionalmente produtoras e de incremento significativo, segundo algumas fontes apontam, de até 20% na área plantada na safra em países tradicionais exportadores de alho, a exemplo da China.

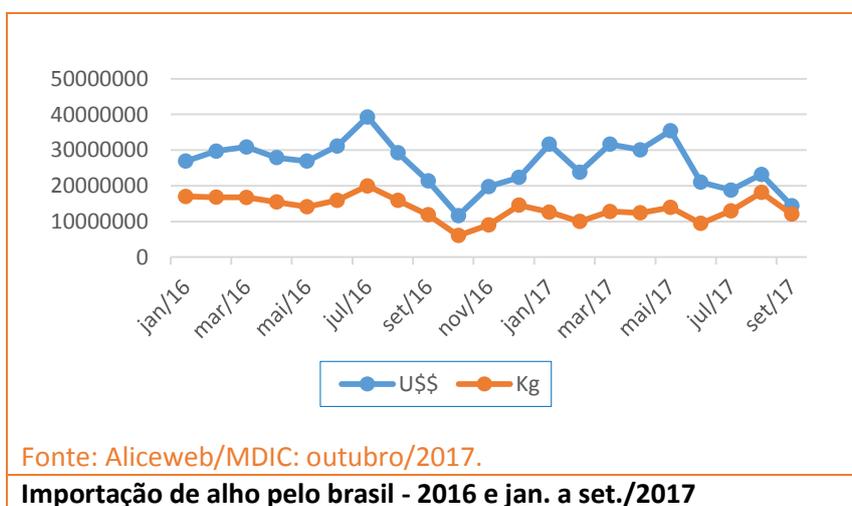
Ainda em relação ao desenvolvimento da safra atual em Santa Catarina, as informações de campo são de pleno desenvolvimento das lavouras, e cujo estado fitossanitário das mesmas é excelente. Embora tendo enfrentado nos últimos meses escassez de chuvas, a cultura não deve ter problemas em relação ao seu potencial produtivo em função da abrangência da área irrigada em nosso estado. Essa situação que levou à necessidade de intensificar a irrigação das lavouras acarretou em aumento no custo de produção de forma geral, mas seguramente muito inferiores as possíveis perdas decorrentes de uma crise hídrica mais prolongada nas lavouras.

Com relação ao mercado, o Brasil é o segundo maior importador mundial de alho, conforme a FAO/2013.

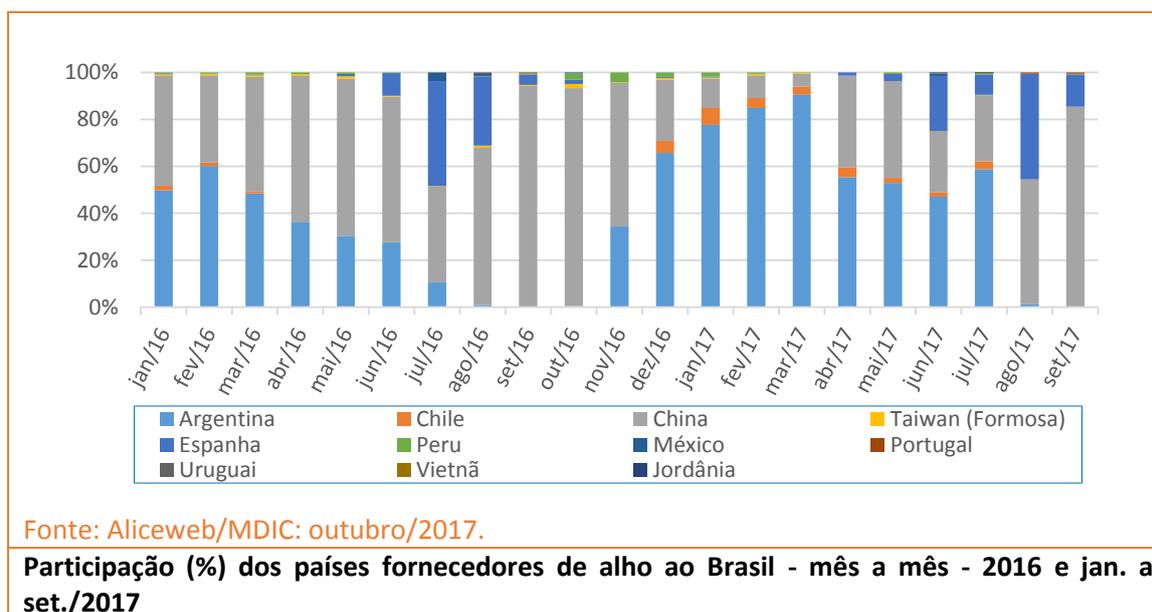
As importações de janeiro a setembro de 2017 foram de 114,24 mil toneladas e no mesmo período de 2016, o volume foi de 143,68 mil toneladas, uma redução de 20,49%, refletindo em boas condições do mercado interno aos produtores brasileiros.

O preço médio por quilo de alho importação no mês de setembro/17 foi de US\$ 1,197, contra US\$ 1,79 no mês do ano anterior, redução de 33,12%. Especificamente no mês de setembro/17, comparativamente ao mês de agosto/17, a redução foi de 6,48%. Esta gradual queda nos valores por unidade de produto podem estar sinalizando mudança de conjuntura do mercado do alho para o próximo período cujo quadro é de maior oferta, puxado pelo safra da China.

A internalização do alho importado, pouco mais de 12 mil toneladas no mês de setembro/17, teve um custo total registrado de US\$ 14,40 milhões, conforme pode ser visto na figura abaixo.



Na figura abaixo a seguir apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de setembro/17, os principais fornecedores foram a China com 85,47% e Espanha com 13,75%, que somados, perfizeram 99,22% do total importado pelo Brasil.



Ainda em relação as importações, comparando-se os meses de setembro/16 com setembro/17 (Tabela), há um crescimento de 1,25% em volume no período. Nesse sentido, os meses de agosto e setembro de 2017, são os primeiros meses do ano em que as importações de alho são superiores quando comparado mês a mês ao ano de 2016. Nos dois meses comparados, o volume atingiu 2,38 mil toneladas, não significando, ainda, tendência de retomada de volumes semelhantes ao ano anterior.

No total dos primeiros nove meses do ano de 2017 em relação ao mesmo período de 2016, a redução nas importações somam 29,44 mil toneladas, ou seja, redução de 20,49%.

Em relação ao custo total das importações, nos primeiros nove meses de 2016, o custo da importação de alho foi de US\$ 263,286 milhões, contra US\$ 229,938 milhões em 2017. Porém o custo médio registrado por quilo saltou de US\$ 1,83 para US\$ 2,01. Embora essa diferença esteja em declínio nesse período, ainda é 8,95% superior no período comparado. Por outro lado, esse quadro pode estar sinalizando um acirramento na conjuntura de mercado com maior oferta do produto especialmente do alho Chinês.

Importações de alho pelo Brasil- Jan a Jul. de 2016 e 2017 (mil t)

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	143,68
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	114,24

Fonte: Aliceweb/MDIC: outubro/2017.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A safra de cebola catarinense de 2017/18, em termos de área plantada mantém o estado na dianteira nacional como o maior produtor da hortaliça no Brasil, com mais de 21 mil ha de área plantada, de acordo com o acompanhamento de safra à campo realizado pela Epagri/Cepa/junho/17.

Após um período de falta de precipitações que gerou déficit hídrico, especialmente no mês de setembro, deixando toda a cadeia produtiva em estado de alerta e preocupação com possíveis perdas e aumento de custos de produção, a primeira semana do mês de outubro tem proporcionado alívio, pela ocorrência de chuvas nas principais regiões produtoras de Santa Catarina.

Na região de Ituporanga, por exemplo, no mês de setembro, o acumulado de chuvas fora somente 27 mm. Nos primeiros 06 dias de outubro o acumulado foi de 39 mm. Essa condição ainda não restabelece a normalidade, mas de certa forma, contorna a situação. De forma geral os produtores deverão ter algum acréscimo no custo de produção decorrente da necessidade de irrigar as lavouras com maior intensidade e frequência. No mês de setembro, esse insumo foi bastante demandado na maioria das propriedades.

A nova safra de cebola catarinense está no período de desenvolvimento vegetativo, e de acordo com informações levantadas à campo pela Epagri/Cepa, se as condições de baixas precipitações ocorridas em Santa Catarina acarretam em elevação de custos de produção, por outro lado, contribuem para que o estado fitossanitário das lavouras esteja em situação muito boa. Essa condição de desenvolvimento vegetativo contribui para um cenário de que a nova safra deverá ser bastante produtiva em volume e qualidade dos bulbos da produção catarinense.

Como temos salientado nesse espaço, esse conjunto de condições citadas, associadas ao processo de uso de tecnologias pelos produtores sinalizam para que a produção da hortaliça em nosso estado seja de boa qualidade possa atingir produtividade média acima de 30 toneladas por ha, portanto mantendo ou até superando o patamar de produção alcançado na safra 2016/17.

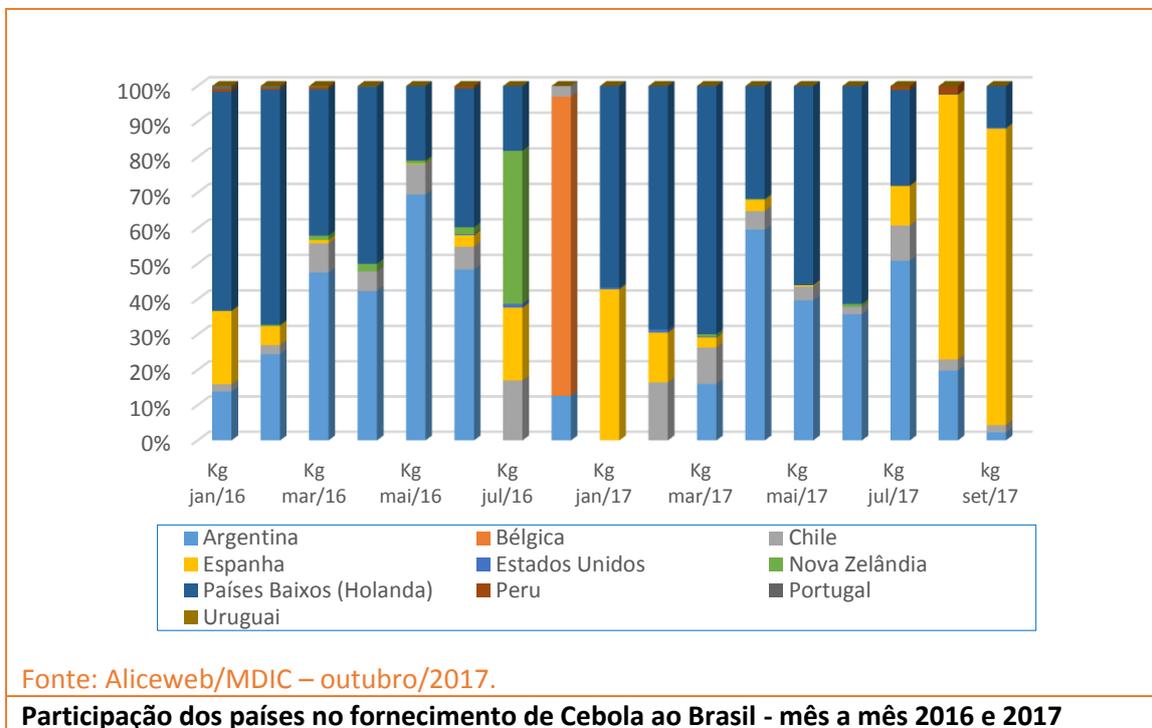
Segundo avaliação de extensionistas e organizações representativas da cadeia produtiva da cebola, estima-se que nas regiões tradicionais de produção da hortaliça em Santa Catarina, a área irrigada se aproxima de 90% da área plantada, o que é extremamente positivo para o setor. Fruto dessa condição foi a superação dos problemas das baixas precipitações ocorridas de junho a setembro superada pela irrigação das lavouras.

Conforme informamos nas edições anteriores a safra catarinense 2017/18 terá maior participação de variedades superprecoces e precoces em relação às safras anteriores. Esses materiais estão em pleno desenvolvimento e já em período final de formação dos bulbos.

Com relação ao mercado nacional, o mês de setembro foi abastecido pelas produções das regiões, do nordeste brasileiro como o município de Mossoró (RN), região de Irecê (BA) e Vale do São Francisco que estava na entressafra desde julho. Também contribuiu para o abastecimento a produção do Estado de São Paulo, como a dos municípios de Monte Alto e São José do Rio Pardo. Segundo o Cepea, a colheita deve ser intensificada no mês de outubro na região do Vale do São Francisco, ocupando o espaço de mercado em função do final de colheita da cebola paulista.

Nos principais mercados atacadistas do Sul, Sudeste e Nordeste, a cebola classe 3 foi comercializada no mês de setembro, variando de R\$ 1,67 a 1,88/kg, na Ceagesp em São Paulo, R\$ 2,15/kg no atacado de Fortaleza (CE), R\$ 2,51/kg em Salvador (BA), e R\$ 1,40 a 1,50 em Porto Alegre. Na Ceasa/SC, o preço de atacado oscilou de R\$ 1,00 a 1,15/kg.

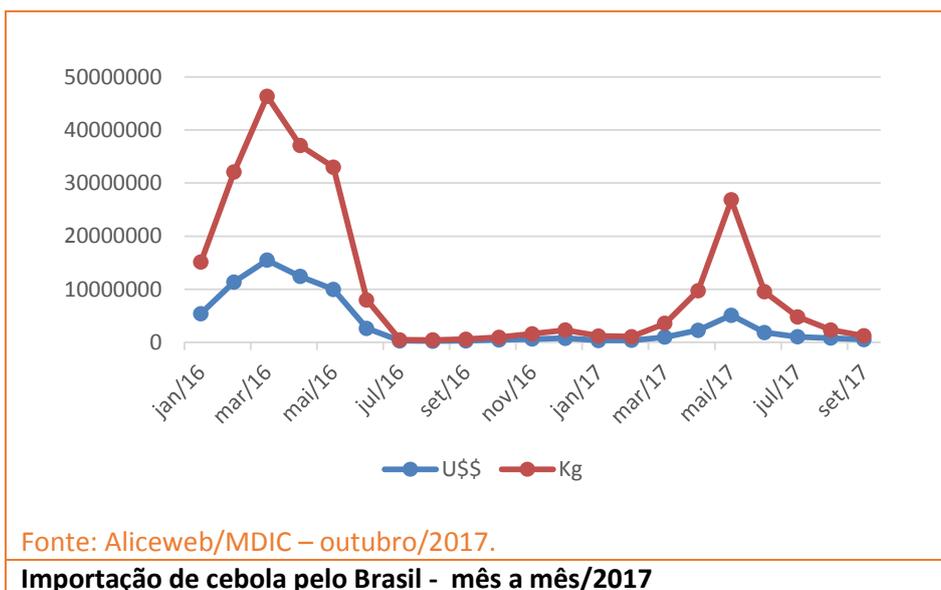
A importação de cebola para o Brasil, no mês de setembro foi comandada pela entrada de cebola espanhola e holandesa e por pequenos volumes oriundos da Argentina e Chile (Figura abaixo).



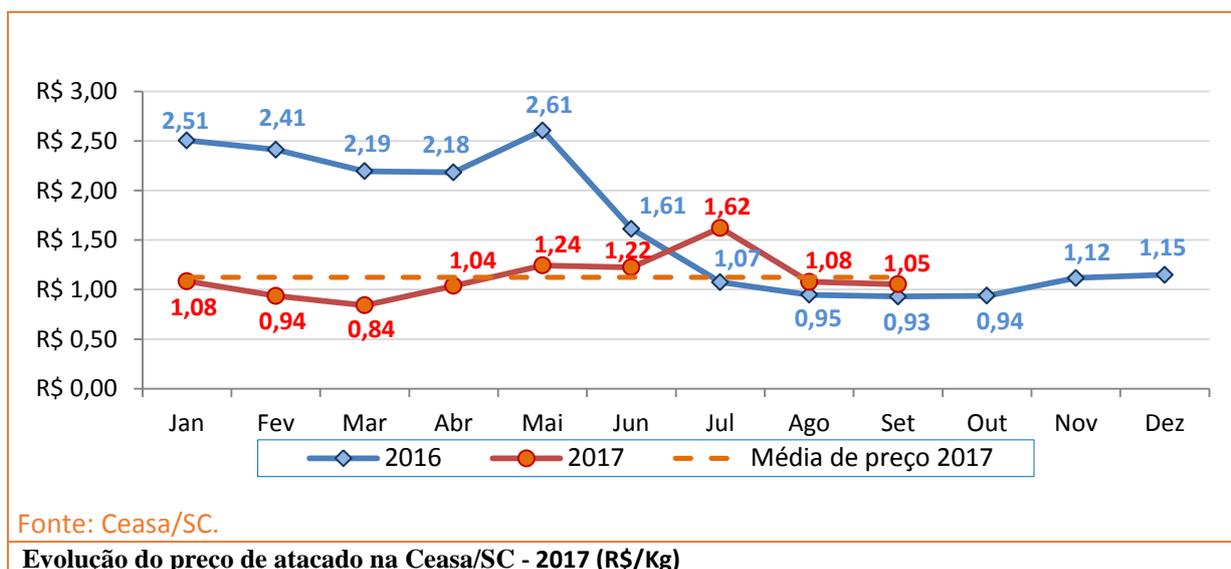
O Gráfico abaixo, nos mostra a evolução das importações de cebolas ocorridas no ano de 2016 e de janeiro a setembro de 2017, no Brasil. Houve crescimento nos meses de abril e maio de 2017, com curva decrescente nos meses de junho, julho, agosto e setembro do corrente ano, comportamento semelhante ao ano ao mesmo período do ano anterior, porém em volumes bastante inferiores puxado pela grande oferta interna da hortaliça.

Em volume, as importações de setembro somaram 1,245 mil toneladas, com dispêndio para o país de U\$ 0,528 milhão.

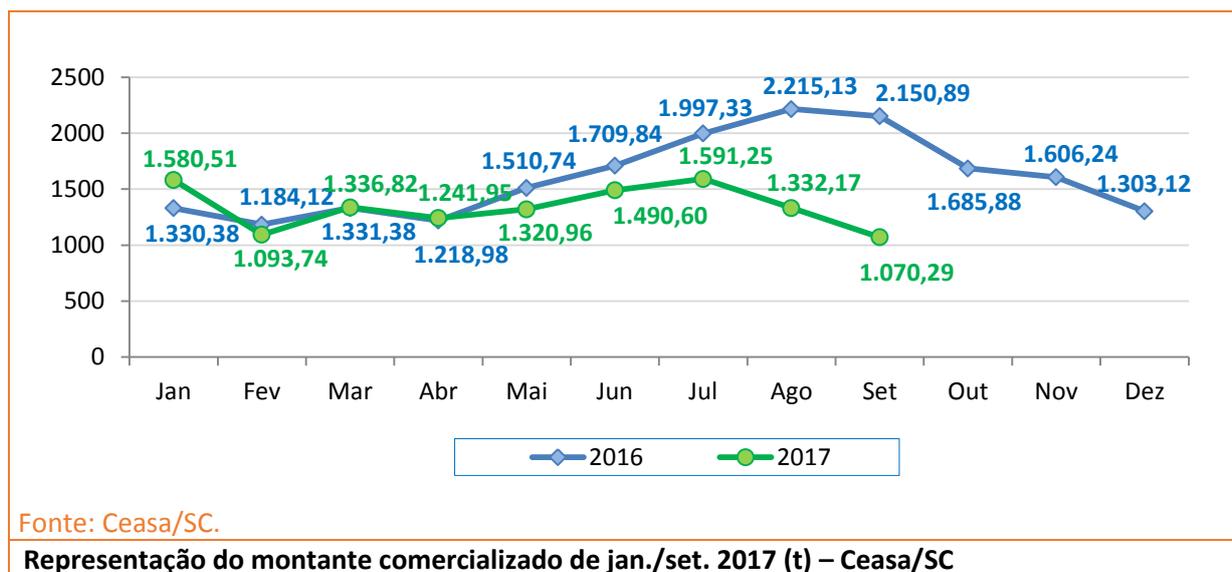
Comparando-se os primeiros nove meses de 2016 com o mesmo período de 2017, as importações de cebola pelo Brasil foram de 176,874 mil toneladas e 60,376 mil toneladas, respectivamente. Uma queda de 65,86% no período. Esses números refletem a grande oferta interna do produto ocasionado pela super safra cebola brasileira de 2016/17.



No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José, no mês de setembro houve pequena queda no preço da cebola em relação ao mês anterior, fechando o preço médio ponderado a R\$ 1,05/kg. Queda de 2,7 % em relação ao mês anterior. (Figura abaixo).



Ainda em relação ao mercado atacadista na Ceasa/SC – Unidade de São José, o volume de comercialização no mês de setembro de 2017 teve uma queda de 19,65% em relação ao mês de agosto/17, e uma redução de 50,23% em relação ao mesmo mês do ano passado. Esta queda importante no volume comercializado é fruto de algumas mudanças na dinâmica de funcionamento da Ceasa, especialmente com relação ao horário de funcionamento que foi alterado para iniciar a partir das 13:30 horas. Essa mudança no funcionamento levou a algumas importantes empresas atacadistas a realizarem suas vendas diretamente às redes varejistas sem que essa produção passe pela unidade da Ceasa como era realizado anteriormente.

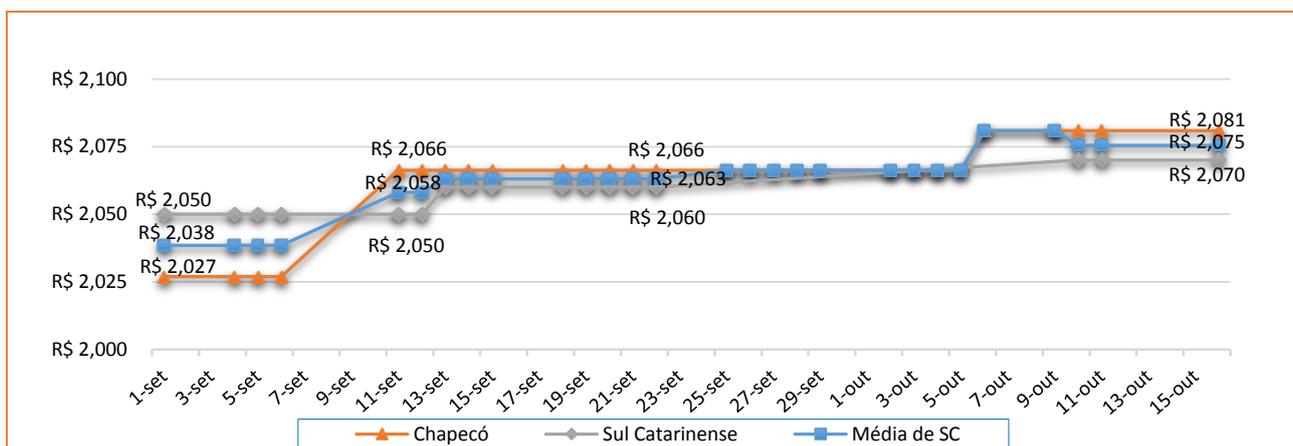


Pecuária Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Depois de atingir os valores mais baixos do ano em agosto, em setembro os preços do frango vivo apresentaram uma leve recuperação, concentrada na segunda semana daquele mês. Esse movimento repetiu-se no início de outubro. Em Chapecó, a variação acumulada entre o dia 1º de setembro e 16 de outubro foi de 2,66%, grande parte dela (1,94%) ocorrida ainda em setembro. Já o Sul Catarinense registrou variação um pouco menor no período: 1,88%, preponderantemente concentrada em setembro (1,36%).

Ainda em relação ao Sul Catarinense, é importante registrar que não houve coleta de preços naquela praça no período compreendido entre os dias 22 de setembro e 09 de outubro, o que prejudicou o cálculo da média estadual na ocasião (a média é calculada a partir dos preços das duas praças supramencionadas).



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

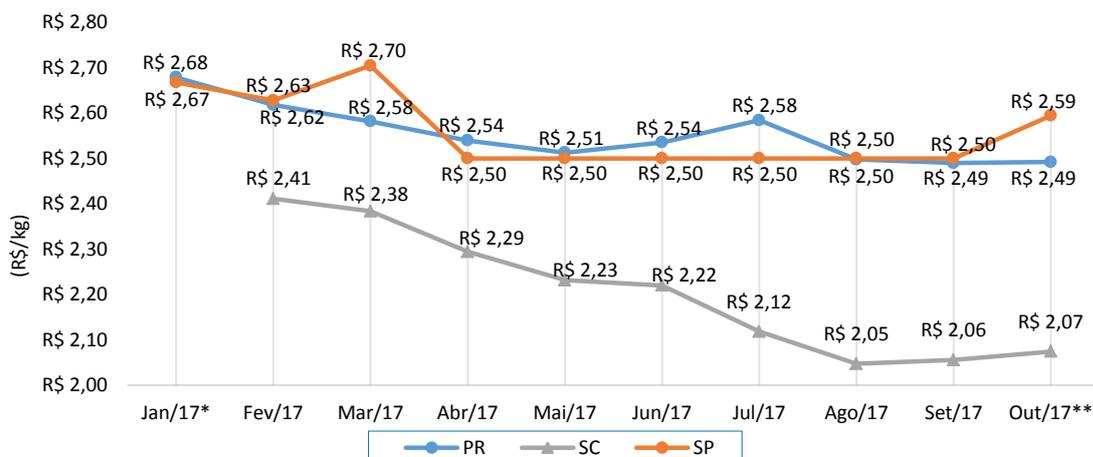
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1/set. a 16/out./2017

Em relação a 13 de março (última coleta realizada antes da deflagração da Operação Carne Fraca), os preços de 16 de outubro (data de finalização deste artigo) apresentavam variações de -11,58% em Chapecó, -14,46% no Sul Catarinense e -13,04% na média estadual.

Em dois outros importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), os preços também apresentaram variações positivas no último período, embora em intensidades distintas. Enquanto em Santa Catarina o preço médio preliminar de outubro está 0,90% acima da média de setembro, no Paraná a variação é de apenas 0,08%. Já em São Paulo, após 6 meses de estagnação, o mês de outubro iniciou-se com algumas elevações nos preços diários, que fazem com que a média preliminar deste mês esteja 3,78% acima da média de setembro.

Apesar do comportamento dos preços em setembro e outubro, no médio prazo a situação ainda é adversa. Em relação a outubro de 2016, os preços médios atuais estão significativamente defasados: -16,31% em São Paulo, -15,99% em Santa Catarina e -12,35% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE) foi de 1,63%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

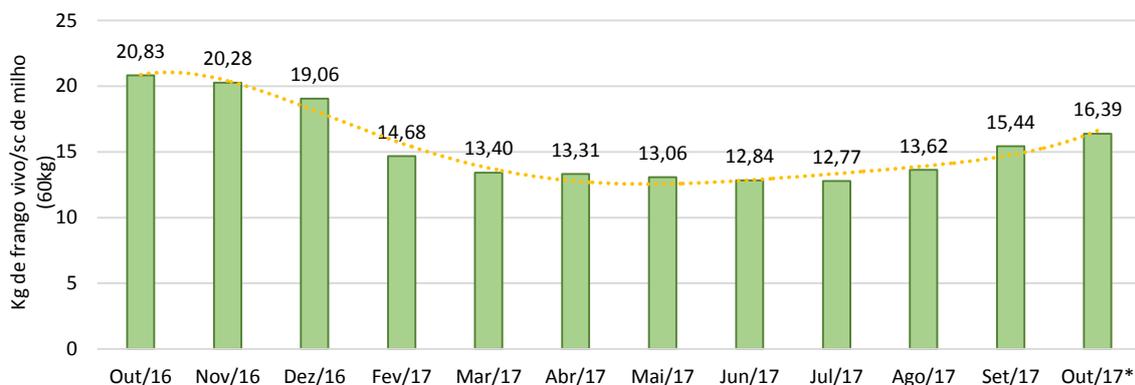
** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017

O aumento nos preços do frango vivo coincide com a recente elevação nos custos de produção dessa ave. Após 10 meses de quedas sucessivas, em setembro o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, pela primeira vez no ano apresentou variação positiva. Em relação ao mês anterior, o aumento foi de 2,51%. Contudo, no acumulado de 12 meses ainda verifica-se queda de 16,76% nos custos de produção. O principal elemento responsável pela elevação nos custos foi a nutrição, principalmente pelo fato desse item compor praticamente 2/3 desse indicador.

A relação de troca insumo/produto, calculada pela Epagri/Cepa, já vem apresentando variações positivas desde agosto, como é possível perceber no gráfico apresentado adiante. Esse indicador é elaborado a partir dos preços do milho (principal componente da ração) e do frango vivo. Segundo os preços preliminares de outubro desses dois produtos, a relação de troca atingiu o valor de 16,39 este mês, alta de 6,13% em relação a setembro. Contudo, na comparação com outubro de 2016, o índice atual é 21,32% menor.



Para cálculo da relação de troca insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2017.

* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

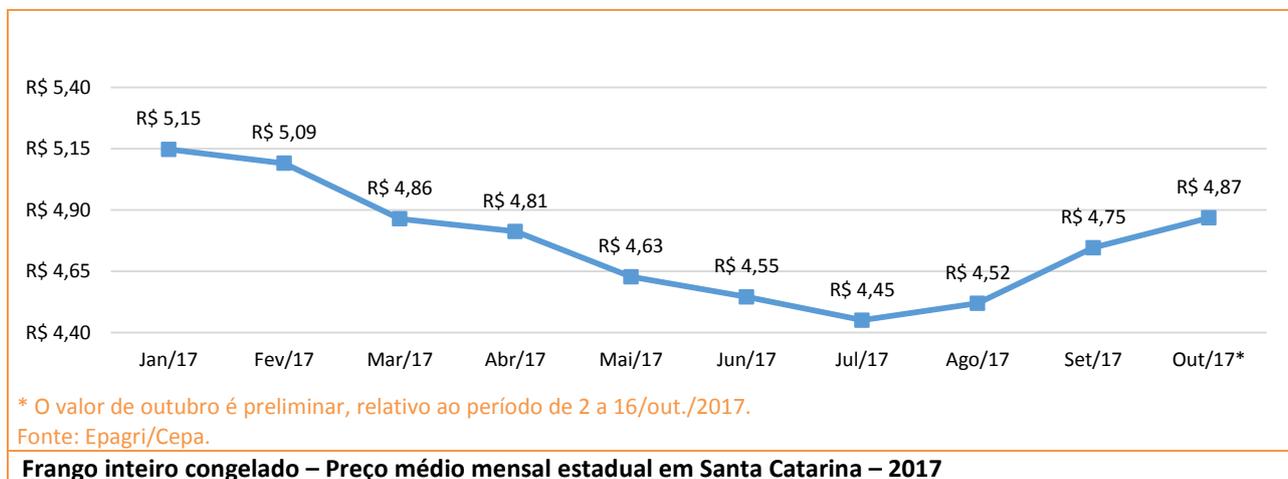
Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017

O preço de atacado do saco de milho na região de Chapecó nas duas primeiras semanas de outubro encontra-se 7,09% acima da média do mês anterior. Apesar de significativo, esse índice é menos da metade daquele registrado em setembro (14,62%), embora ainda possam ocorrer novas variações no restante do mês.

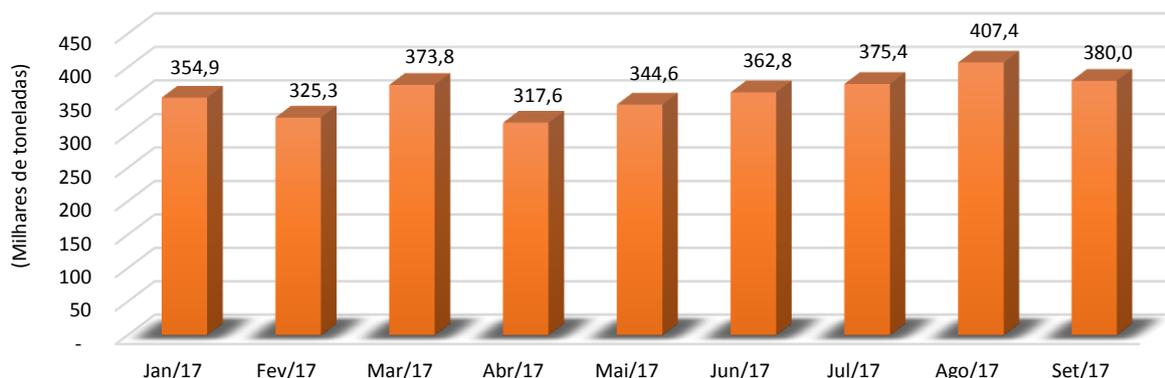
Tal comportamento dos preços do milho pode ser explicado pela expectativa de redução na safra atual em relação à anterior. Conforme o 1º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, a 1ª safra de milho deve registrar redução na área plantada, que pode variar entre -6,1% a -10,1%. Em termos de produção, a Conab estima queda de -13,2% a -17,8% na 1ª safra e de -4,3% a -5,7% no total do ciclo (1ª e 2ª safras).

Em Santa Catarina, também se estimam reduções bastante significativas nesta safra. De acordo com os dados divulgados pela Epagri/Cepa, a área plantada na 1ª safra deve sofrer queda de 12,36%, passando de 363 mil hectares para 318,1 mil hectares. Em termos de produção a queda deverá ser ainda mais significativa, com expectativa inicial de colheita de 2,63 milhões de toneladas na 1ª safra (-16,51% em relação ao ciclo anterior).

Quanto ao mercado atacado, os quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentaram elevação no preço médio das duas primeiras semanas de outubro em relação à média do mês anterior, situação que ainda não havia sido observada este ano. A maior variação ocorreu no preço da coxa/sobrecoxa congelada, que aumentou 3,98%, seguida pelo peito com osso congelado, que variou 3,76%. A menor oscilação ficou por conta do filé de peito congelado, que aumentou 0,34% no período. Já o frango inteiro congelado teve o terceiro mês consecutivo de variação positiva. O preço preliminar de outubro é 2,56% superior ao mês anterior. Contudo, na comparação com outubro de 2016, ainda se registra queda de 8,90%.



Após atingir o melhor resultado do ano e um dos maiores da história em agosto, em setembro as exportações brasileiras de carne de frango apresentaram recuo de 6,71%. Apesar disso, as 380 mil toneladas (*in natura* e industrializada) exportadas nesse mês representam o segundo melhor resultado de 2017. Em relação a setembro de 2016, praticamente se repetiu o desempenho daquele mês (diferença de apenas -0,09%).



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2017

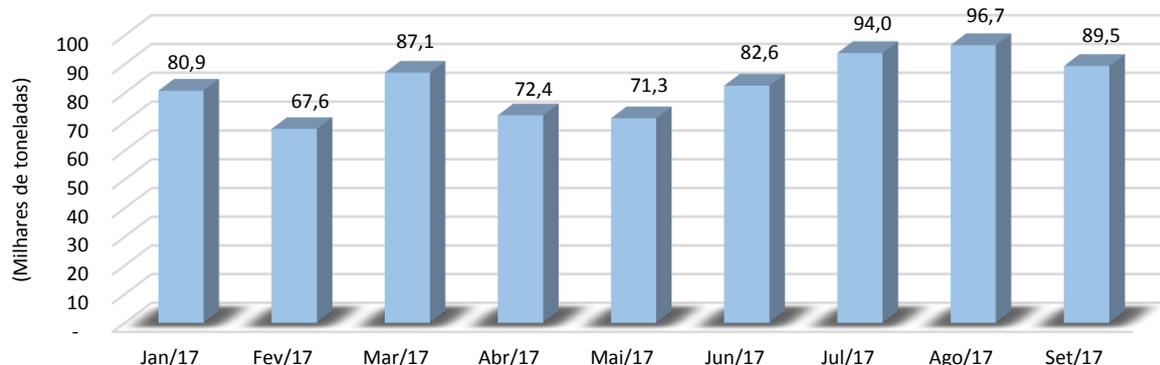
Em termos de receitas, as vendas externas de setembro foram de US\$630,65 milhões, queda de 7,03% em relação a agosto e de 0,22% na comparação com setembro de 2016.

As receitas acumuladas de janeiro a setembro deste ano atingiram o montante de US\$5,45 bilhões, aumento de 5,33% em relação ao mesmo período de 2016. Já a quantidade embarcada foi de 3,24 milhões de toneladas, queda de 2,38% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos externos da carne de frango brasileira em setembro mais uma vez foram Japão, Arábia Saudita e China, que juntos contribuíram com 35,47% das receitas do País com esse produto.

Os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) referentes às duas primeiras semanas de outubro apontam queda na média diária de embarques de carne de frango *in natura*, em relação a setembro: -5,3% em valor e -6,0% em quantidade. Contudo, na comparação com as médias diárias de outubro de 2016 os números são positivos: aumento de 25,7% em valor e 20,9% em quantidade.

O desempenho das exportações catarinenses de carne de frango em setembro também não foi bom: 89,47 mil toneladas, queda de 7,46% em relação ao mês anterior e de 5,14% na comparação com setembro de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017

Em termos de receitas, em setembro as exportações catarinenses de frango geraram US\$ 168,51 milhões, queda de 3,84% em relação ao mês anterior e praticamente o mesmo valor de setembro de 2016 (+0,11%).

No acumulado do ano, as exportações catarinenses de carne de frango somam 742,02 mil toneladas, queda de 1,53% em relação ao mesmo período de 2016. As receitas totalizam US\$ 1,37 bilhão até o momento, aumento de 7,51% em relação ao ano anterior.

Os três principais destinos da carne catarinense exportada em agosto foram Japão, Países Baixos (Holanda) e China, que responderam por 38,93% do valor das exportações do Estado.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Setembro/2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	32.440.993,00	15.718.046
Países Baixos (Holanda)	17.424.422,00	6.917.106
China	15.728.972,00	8.541.306
Reino Unido	11.933.195,00	4.346.946
Arábia Saudita	11.001.213,00	6.246.251
Demais países	79.979.429,00	47.702.221
Total	168.508.224,00	89.471.876,00

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Os resultados negativos de setembro devem-se principalmente às quedas observadas nos dois maiores importadores da carne de frango catarinense: Japão (-16,69% em quantidade e -16,32% em valor) e China (-18,00% em quantidade e -16,26% em valor). Outros importantes destinos que também apresentaram quedas foram a Coreia do Sul (-6,36% em quantidade e -5,68% em valor), Alemanha (-30,77% em quantidade e -0,26% em valor) e Hong Kong (-27,61% em quantidade e -26,44% em valor), países que ocupam a 7ª, 8ª e 10ª colocação no ranking estadual de exportações, respectivamente.

Em meados de setembro o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, referentes ao 2º trimestre de 2017. Conforme demonstram os dados, a quantidade de frangos abatidos no País



Fonte: IBGE.

Abate de frangos no 1º semestre – Brasil – 2013/17

atingindo-se o montante de 6,74 milhões de toneladas de carcaças no 1º semestre. Levando em consideração que o número de aves abatidas caiu, pode-se concluir que o peso médio de abate dos animais foi maior que no ano anterior.

caiu 2,07% nos primeiros seis meses de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse resultado deve-se basicamente aos números do 2º trimestre, já que no 1º a variação foi positiva (0,40%). Os piores resultados foram registrados nos meses de abril (-9,17%) e junho (-7,70%).

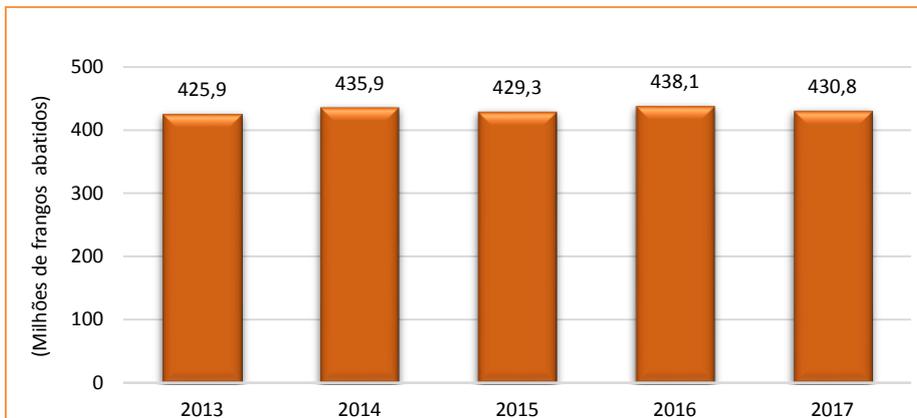
Já em relação à produção da carne, o IBGE apontou crescimento de 0,62%,

Santa Catarina também apresentou redução no número de frangos abatidos no 1º semestre deste ano. De acordo com o IBGE, foram abatidos 430,8 milhões de animais, queda de 1,65% em relação ao ano passado.

Em termos de peso de carcaça, foram produzidas no estado 1,05 milhão de toneladas no 1º semestre deste ano, -1,60% em relação ao mesmo período do ano passado.

Assim como no cenário nacional, o 2º trimestre foi responsável pela queda no resultado semestral.

Assim como no cenário nacional, o 2º trimestre foi responsável pela queda no resultado semestral.



Fonte: IBGE.

Abate de frangos no 1º semestre – Santa Catarina – 2013/17

Como é possível perceber no gráfico abaixo, com exceção de janeiro e março, em todos os demais meses os resultados de 2017 foram inferiores aos do ano anterior, com destaque para abril (-8,95%), junho (-7,85%), e fevereiro (-6,26%).

Como é possível perceber no gráfico abaixo, com exceção de janeiro e março, em todos os demais meses os resultados de 2017 foram inferiores aos do ano anterior, com destaque para abril (-8,95%), junho (-7,85%), e fevereiro (-6,26%).



Fonte: IBGE.

Abate mensal de frangos durante o 1º semestre – Santa Catarina – 2016/17

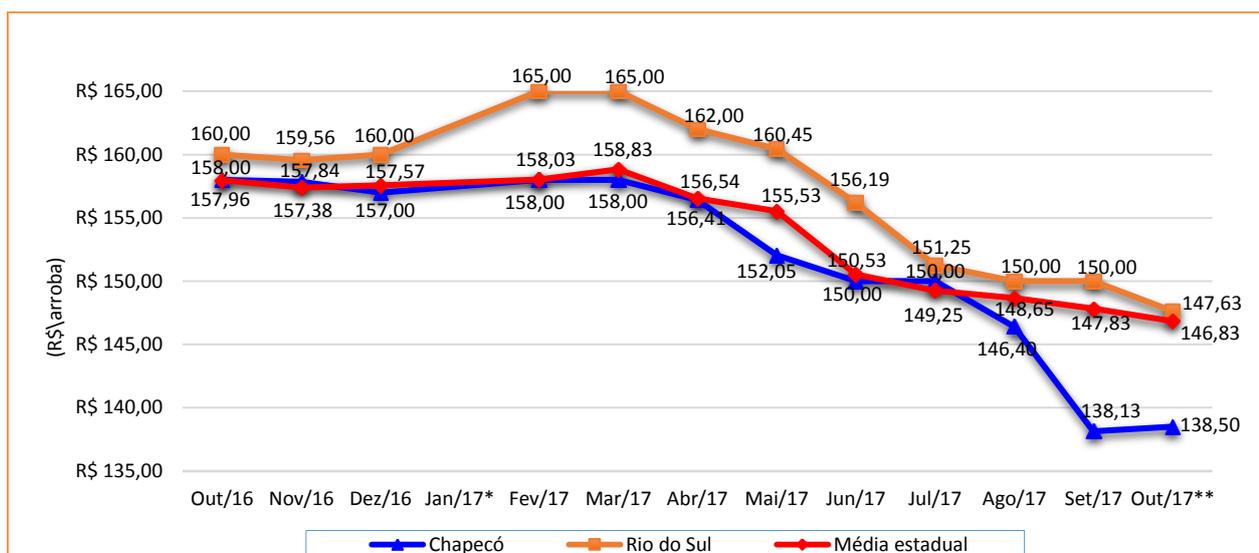
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

O mercado do boi gordo em Santa Catarina encontra-se relativamente estável nas últimas semanas, com poucas oscilações nos preços. A variação mais significativa foi registrada em Rio do Sul, uma das praças estaduais de referência, onde o preço caiu de R\$ 150,00/arroba (média de setembro) para R\$ 148,00 nos primeiros dias de outubro. Em meados deste mês observou-se nova queda, fazendo com que a arroba passasse a ser cotada a R\$ 145,00. Com isso, o preço médio preliminar de outubro é de R\$ 147,63, queda de 1,58% em relação ao mês anterior e de 7,73% na comparação com outubro de 2016.

A média estadual (elaborada a partir dos preços de 8 praças de coleta) também apresenta uma pequena queda em outubro: -0,63%. A média preliminar deste mês está 7,05% abaixo do valor de outubro de 2016.

Por outro lado, Chapecó apresenta variação positiva em outubro, embora modesta: 0,27%. É importante lembrar que em setembro essa praça registrou queda expressiva de 5,65%. Em relação a outubro de 2016, a diferença é de -12,34%.



⁽¹⁾ Para pagamento em 20 dias.

* No mês de janeiro de 2017 não há dados disponíveis para as praças de Chapecó e Rio do Sul. Em função da ausência das praças de referência, optou-se por não utilizar o preço médio estadual desse período, para evitar distorções.

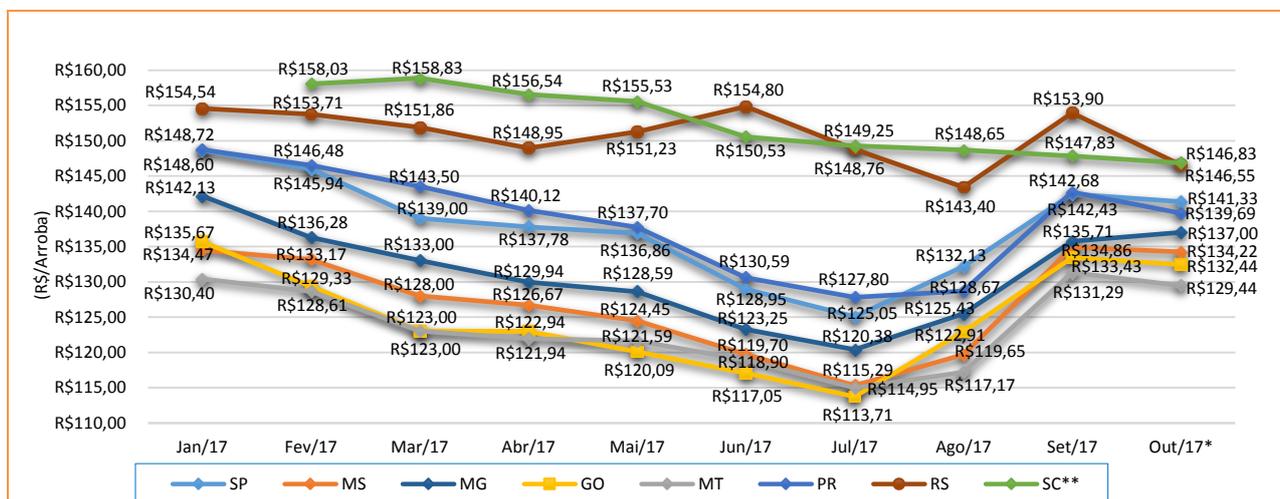
** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo ⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017

Após dois meses consecutivos de elevações nos preços do boi gordo em alguns dos principais estados produtores, os valores preliminares de outubro indicam o retorno do movimento de baixa, que predominou durante grande parte deste ano. Dos oito estados analisados, em sete se observam quedas até o momento, sendo as maiores variações no Rio Grande do Sul (-4,78%), Paraná (-2,09%) e Mato Grosso (-1,40%). Os demais estados apresentam variações inferiores a um por cento: São Paulo (-0,77%), Goiás (-0,74%), Santa Catarina (-0,67) e Mato Grosso do Sul (-0,47%). O único estado acompanhado que até o momento registra elevação no preço médio preliminar de outubro é Minas Gerais (0,95%).

Em relação a outubro de 2016, os preços atuais estão defasados na maioria dos estados: -7,05% em Santa Catarina, -6,86% em São Paulo, -6,63% em Goiás, -6,56% no Paraná, -5,06% em Mato Grosso do Sul, -5,00% no Mato Grosso e -4,97% em Minas Gerais. O único estado cuja variação é positiva é o Rio Grande do Sul, e ainda assim num índice pouco expressivo: 0,21%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE) foi de 1,63%.



* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 2 a 16/out./2017.

** Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾ (2017).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾ – 2017

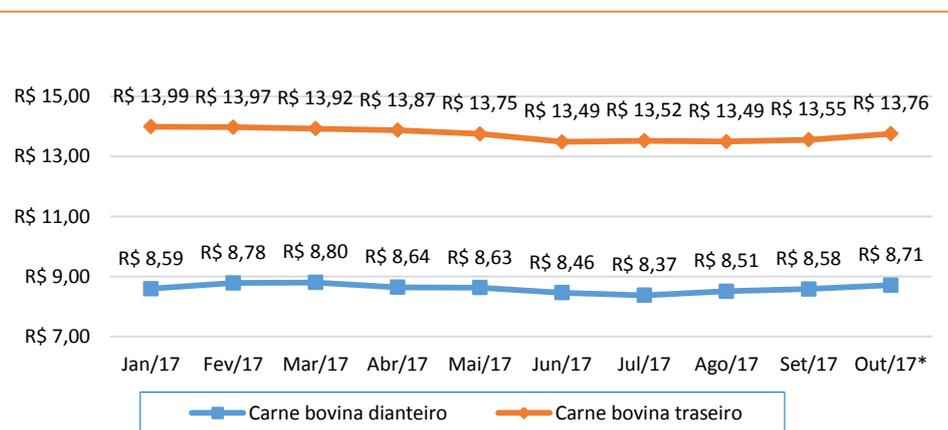
De acordo com os levantamentos das duas primeiras semanas de outubro, o atacado da carne bovina em Santa Catarina mantém a tendência de leve alta que vem se configurando nos últimos meses. No caso da

carne de traseiro, registra-se elevação de 1,51% na média estadual, em relação ao mês anterior. Na comparação com outubro de 2016, a diferença é de -0,47%.

Já o dianteiro teve aumento de 2,37% entre setembro e outubro. Contudo, em relação a outubro de 2016, a defasagem ainda é de 2,96%.

Os preços dos animais de reposição, após um

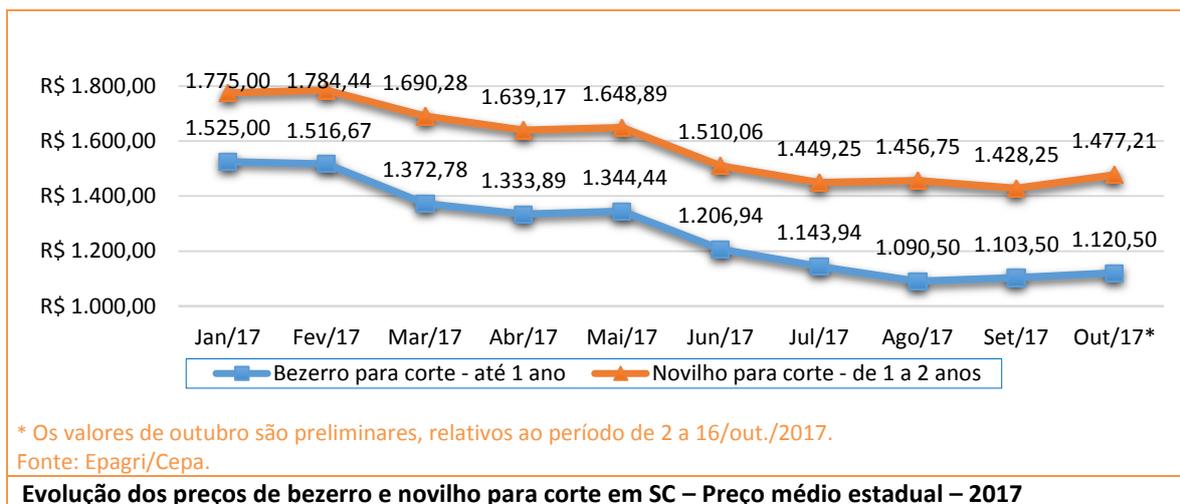
período de queda e relativa estagnação, voltaram a apresentar movimento de alta. O bezerro até 1 ano para corte registra aumento de 1,54% em seu preço preliminar de outubro, quando comparado ao mês anterior. Já o novilho de 1 a 2 anos para corte apresenta variação mais significativa até o momento: 3,43%.



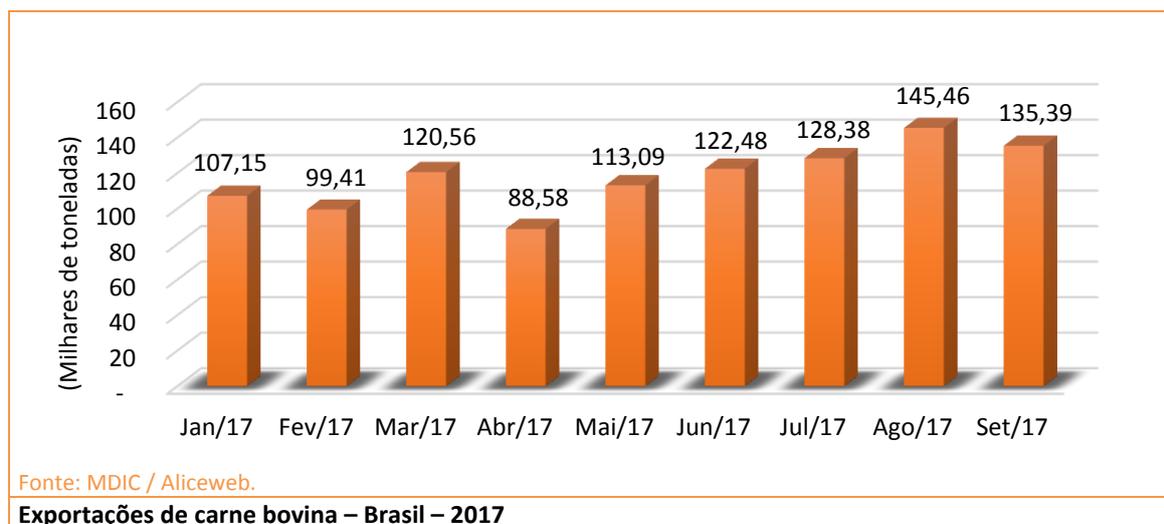
* Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017



Depois de quatro meses consecutivos de crescimento, em setembro as exportações de carne bovina apresentaram um recuo em relação ao mês anterior. Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o Brasil exportou 135,39 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de 6,92% em relação a agosto. Contudo, na comparação com setembro de 2016, verifica-se aumento de 17,05%.



As receitas, por sua vez, foram de US\$554,95 milhões, queda de 8,48% em relação ao mês anterior, mas aumento de 17,67% na comparação com setembro de 2016.

Com os resultados dos últimos meses, as exportações de 2017 superam o mesmo período de 2016. Até setembro deste ano foram exportadas 1,06 milhão de toneladas, 1,85% mais do que nos 9 primeiros meses de 2016. Em termos de receitas, o acumulado do ano totaliza US\$4,33 bilhões, aumento de 6,75% em relação a 2016.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira exportada em setembro mais uma vez foram Hong Kong, China, Egito, Irã e Rússia, responsáveis por 68,44% das receitas. Os dois principais importadores de carne bovina brasileira ampliaram significativamente suas aquisições em setembro, quando comparados ao mesmo mês do ano anterior: aumento de 67,36% em valor e 56,92% em quantidade no caso de Hong Kong e de 13,72% em valor e 10,98% em quantidade na China.

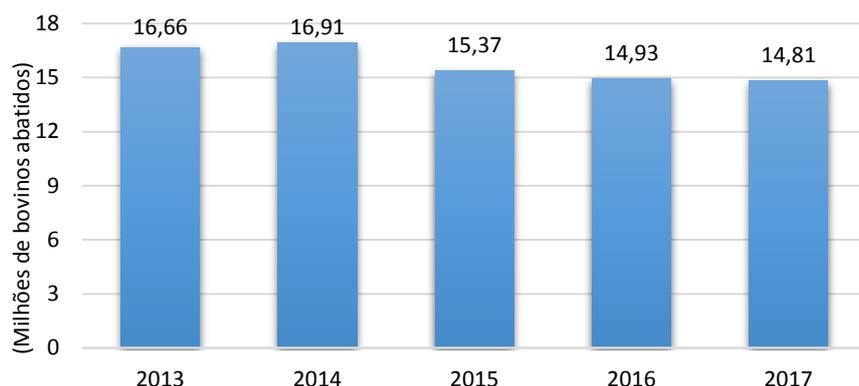
Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Setembro/2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	124.548.614	32.786.258
China	77.920.392	17.501.775
Egito	73.691.547	21.193.895
Irã	61.937.583	13.926.608
Rússia	41.698.779	13.385.387
Demais países	175.152.751	36.598.665
Total	554.949.666	135.392.588

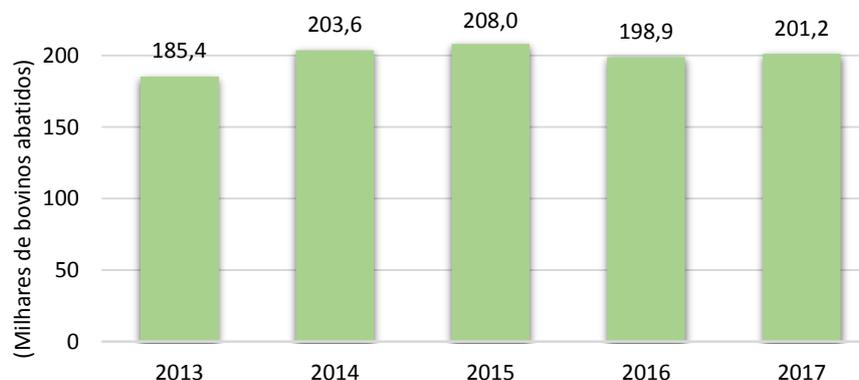
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Conforme os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de outubro, a média diária de embarques de carne bovina *in natura* subiu em relação a setembro: 8,5% em valor e 10,1% em quantidade. Na comparação com outubro de 2016 os resultados preliminares apontam crescimento ainda mais significativo nas médias diárias: 43,1% em valor e 47,8% em quantidade.

Em setembro o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, referente ao 2º trimestre de 2017. Conforme demonstram os dados, a quantidade de bovinos abatidos no País caiu 0,85%



Fonte: IBGE.

Abate de bovinos no 1º semestre – Brasil – 2013/17


Fonte: IBGE.

Abate de bovinos no 1º semestre – Santa Catarina – 2013/17

no 1º semestre deste ano, quando comparado ao mesmo período de 2016.

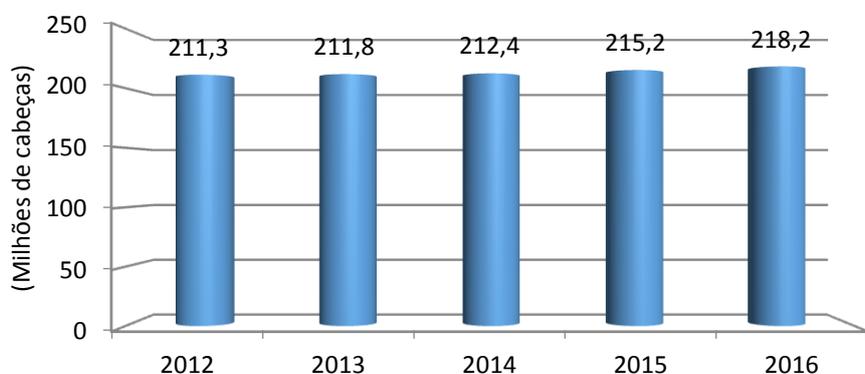
Essa queda deve-se essencialmente aos resultados do 2º trimestre, que apresentou variação de -2,81% nos abates. No 1º trimestre a variação foi positiva (1,21%).

Em relação à produção de carne, o resultado semestral também é negativo: queda de 1,20% em relação ao mesmo período de 2016.

Diferentemente do cenário nacional, Santa Catarina registrou aumento no número de animais abatidos no 1º semestre: 1,16%. Esse crescimento deve-se à significativa ampliação dos abates no 2º trimestre (7,14%), já que no trimestre anterior os resultados foram negativos (-4,31%).

Contudo, em termos de produção de carne, registra-se queda de 0,25% no peso total de carcaças bovinas do

1º semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior. Tendo em vista que o número de animais foi superior ao ano passado, conclui-se que estão sendo abatidos bovinos com peso menor (seja pela condição corporal, idade ou sexo).



Fonte: IBGE.

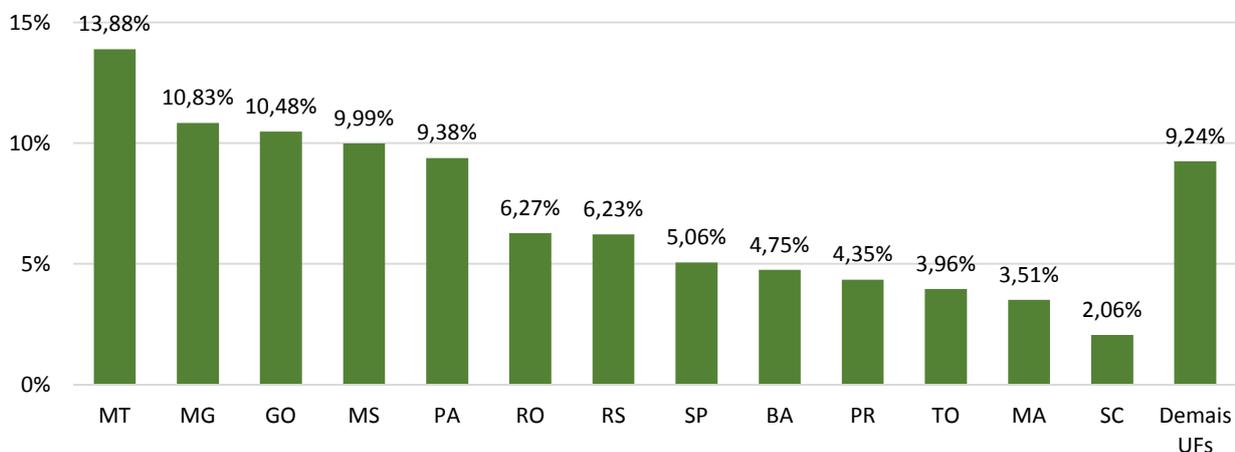
Rebanho bovino – Brasil – 2012/16

Recentemente o IBGE divulgou também os dados da nova Pesquisa Pecuária Municipal. De acordo com o referido levantamento, o rebanho bovino brasileiro em 2016 era de 218,2 milhões de cabeças, aumento de 1,41% em relação ao ano anterior. Esse é o crescimento mais expressivo dos últimos 5 anos.

Em relação a 2012, o aumento foi de 3,29%, concentrado principalmente

nos dois últimos anos.

Ainda segundo o IBGE, Santa Catarina possui um rebanho bovino de 4,5 milhões de cabeças, o que equivale a 2,06% do total nacional. Levando em consideração o efetivo de bovinos, o Estado ocupa a 13ª posição no ranking nacional.



Fonte: IBGE.

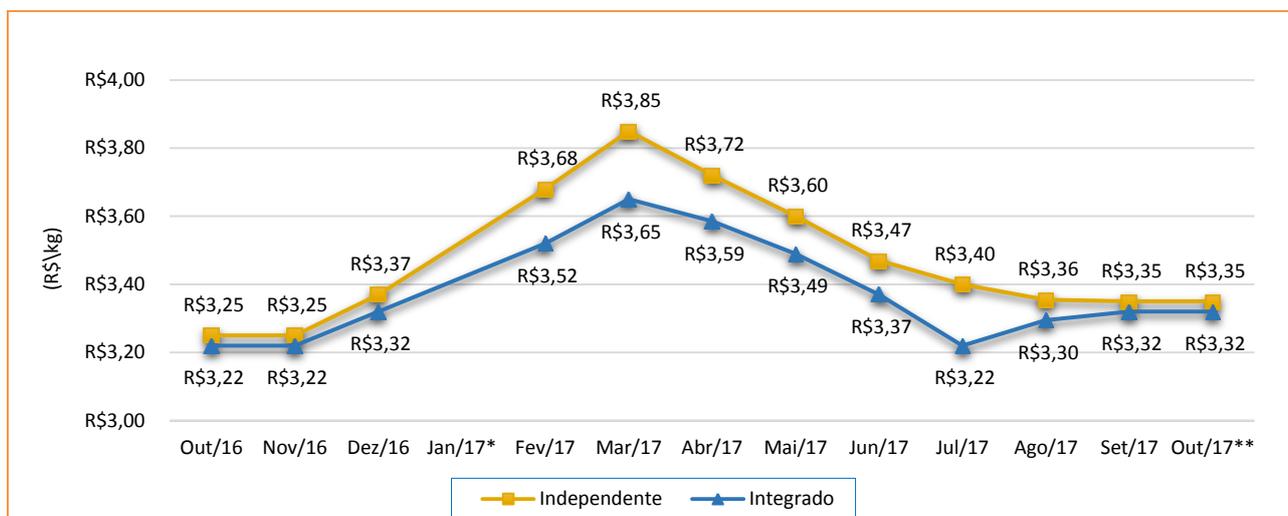
Rebanho bovino – Participação dos estados no total do País – 2016

Apesar dos resultados negativos do 1º semestre, divulgados pelo IBGE, analistas do Rabobank estimam que a produção de carne bovina do Brasil deve registrar leve aumento neste ano. Em relação a 2018, a instituição aponta perspectiva de crescimento entre 3% e 4%, segundo relatório divulgado no final de setembro.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

De acordo com os dados das duas primeiras semanas de outubro, os preços do suíno vivo se mantêm estáveis em Santa Catarina. Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo, até o momento os preços preliminares de outubro não sofreram alterações em relação a setembro, tanto para os produtores integrados quanto para os independentes. Os preços atuais seguem acima daqueles praticados em outubro de 2016: 3,08% para o produtor independente e 3,11% para o integrado.



* Não há dados disponíveis para a praça de Chapecó no mês de janeiro/2017.

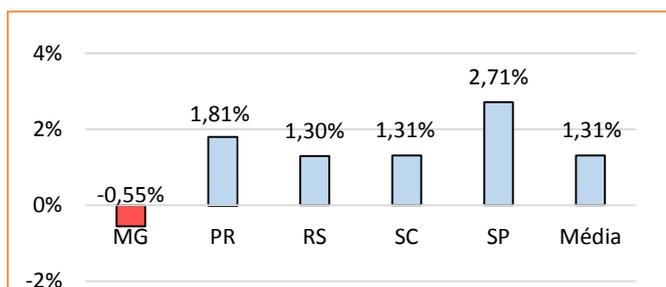
** Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Contudo, em relação aos preços praticados na praça de Chapecó antes da deflagração da Operação Carne Fraca, os valores atuais encontram-se defasados: -12,99% para os produtores independentes, -9,04% para os integrados e -11,07% na média.

Nos últimos meses o preço do suíno vivo tem apresentado comportamento bastante instável na maioria dos principais estados produtores do País, ora com predominância de movimento de elevação, ora de queda.



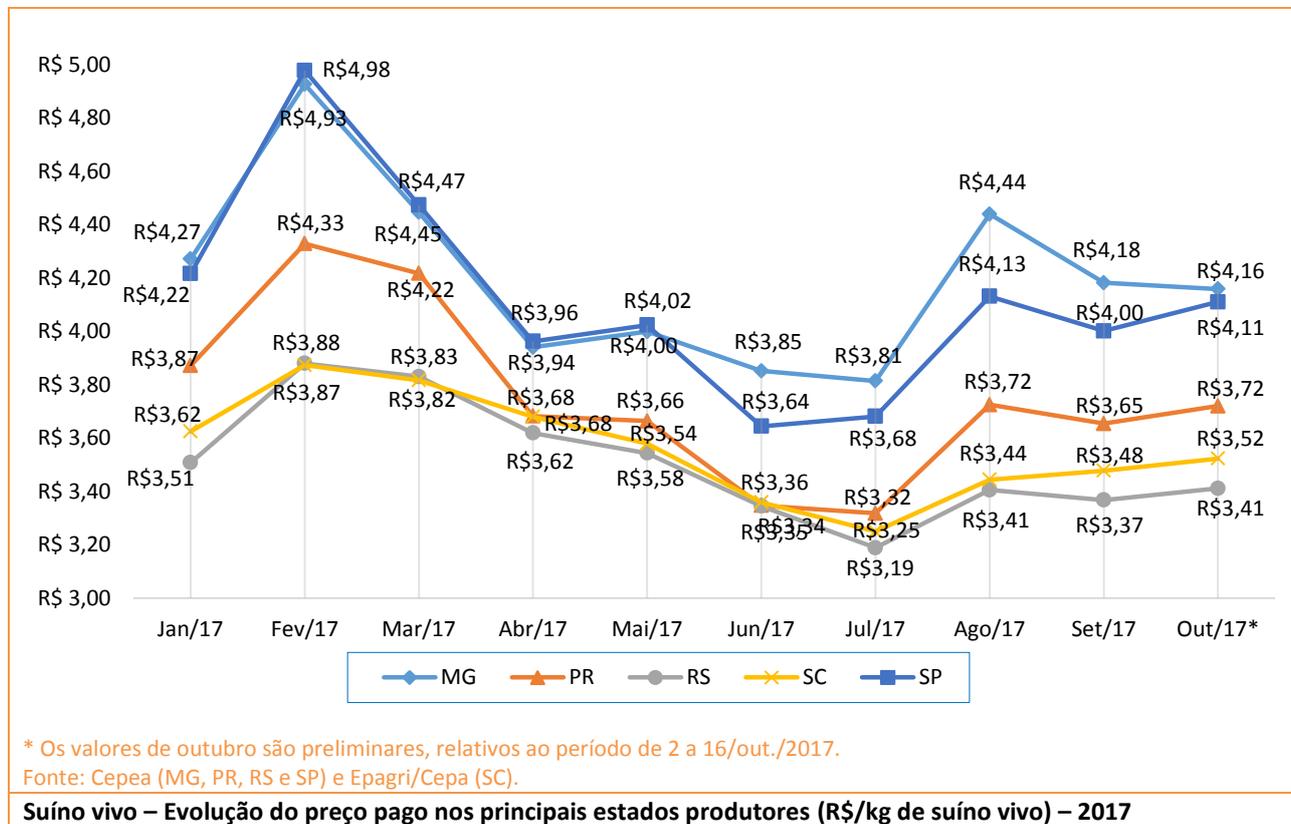
Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (set./2017 – out./2017 [preliminar])

Seguindo esse padrão, após números negativos em setembro na maioria dos estados, o mês de outubro inicia-se com oscilações positivas em quatro dos cinco casos analisados: 2,71% em São Paulo, 1,81% no Paraná, 1,31% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes) e 1,30% no Rio Grande do Sul. A única exceção é Minas Gerais, que até o momento registra queda de 0,55%, mas com sinais de recuperação.

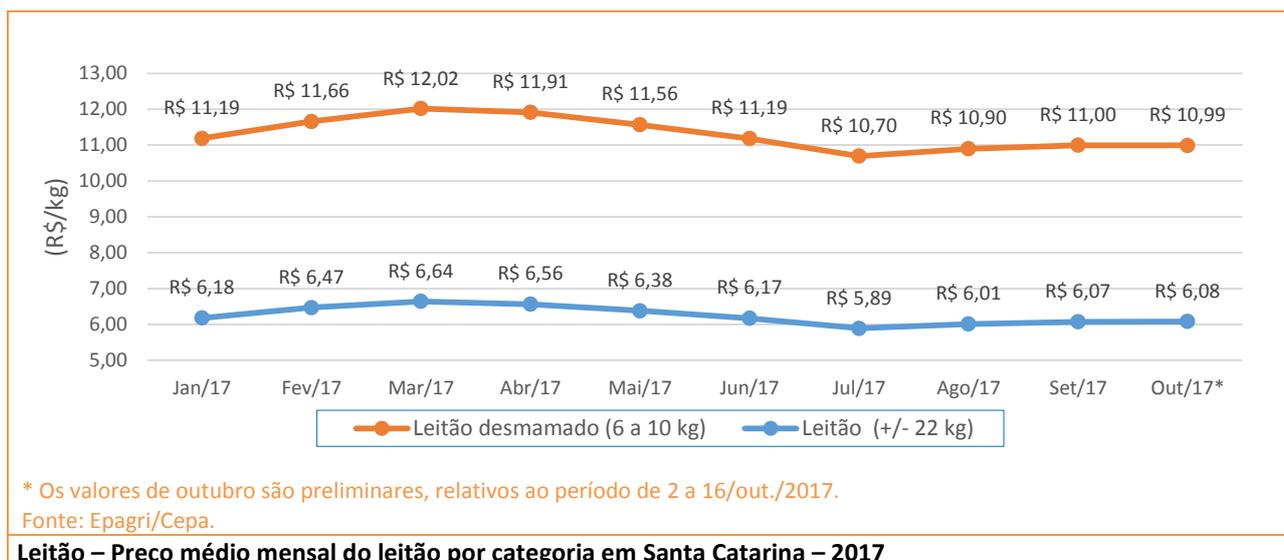
A variação média nesses estados é de 1,31%.

A figura a seguir apresenta a evolução do preço pago ao produtor durante o ano de 2017 nos cinco estados mencionados anteriormente.



Em relação aos preços de outubro de 2016, os valores atuais demonstram variações positivas em todos os estados, embora pouco expressivas na maioria dos casos: 0,06% em Minas Gerais, 0,50% no Rio Grande do Sul, 1,46% no Paraná e 1,96% em São Paulo. Santa Catarina, por sua vez, apresenta variação mais expressiva, com índice de 8,90%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE) foi de 1,63%.

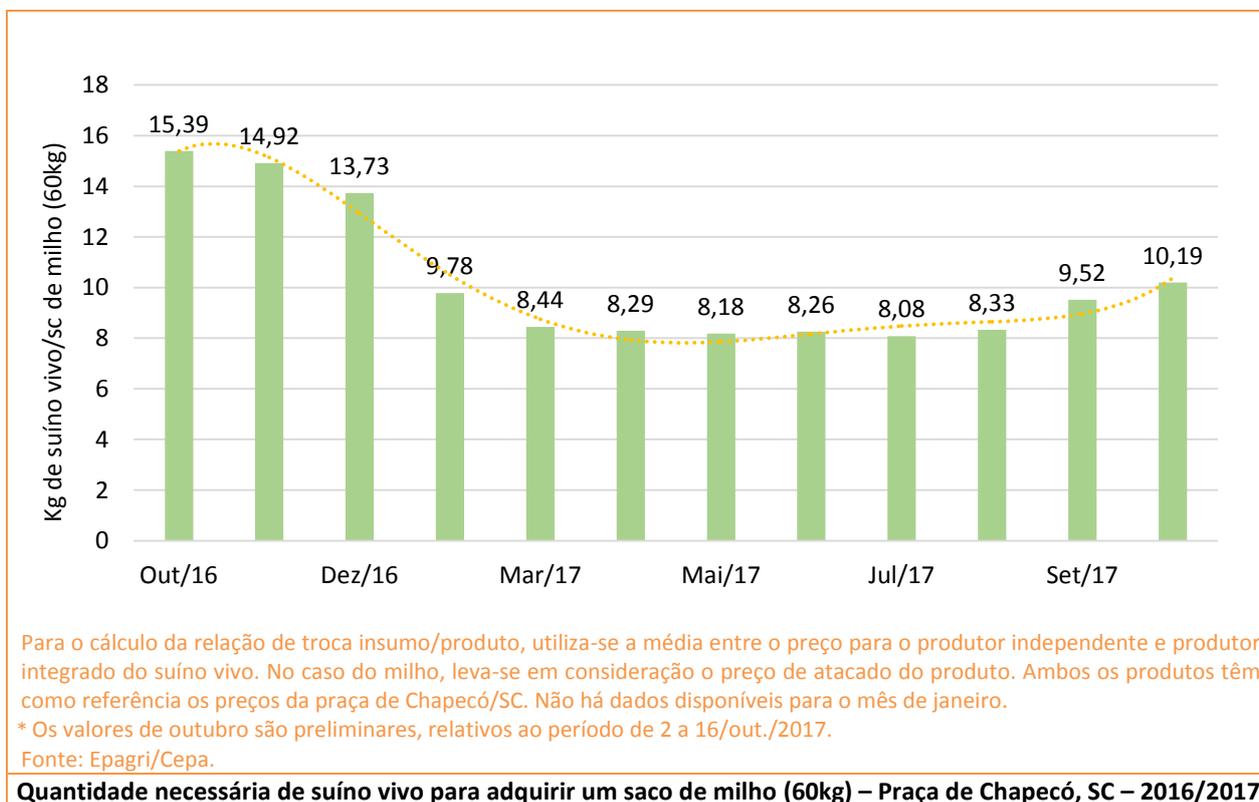
Assim como têm ocorrido há pelo menos três meses, os dados preliminares de outubro indicam a continuidade da estabilidade nos preços dos leitões de ambas as categorias. Os leitões de 6 a 10kg variaram apenas -0,01% em relação à média do mês anterior, enquanto os leitões de +/-22kg apresentam pequeno aumento de 0,16%. Ao se comparar os preços atuais com os de outubro de 2016, verificam-se variações positivas de 3,95% e 4,47% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.



Leitão – Preço médio mensal do leiteão por categoria em Santa Catarina – 2017

Conforme a Embrapa Suínos e Aves, em setembro o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) registrou alta de 4,56%, na comparação com o mês anterior. Em agosto já havia sido observado aumento nesse indicador, mas menos expressivo (0,67%). O componente que mais contribuiu para esse resultado foi a nutrição (alta de 4,42%). Não obstante os dois últimos meses, a variação do ICPSuíno acumulada em 12 meses é de -20,44%.

Assim como os custos de produção, a relação de troca insumo/produto calculada pela Epagri/Cepa também apresentou variação positiva em outubro (resultados preliminares). Conforme já havia sido mencionado no boletim anterior, após um período relativamente longo de quedas e estabilidade (iniciado no último trimestre de 2016), verifica-se atualmente um movimento de alta desse indicador.



Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Tendo em vista que os preços dos suínos vivos mantiveram-se estáveis na praça de Chapecó nos últimos dois meses, as recentes altas nesse indicador são resultantes dos sucessivos aumentos no preço do milho no atacado, ocorridos a partir de agosto. Apesar dessas variações, o valor atual do índice de troca ainda é 33,76% inferior ao que se registrava em outubro de 2016.

O preço de atacado do saco de milho na região de Chapecó nas duas primeiras semanas de outubro encontra-se 7,09% acima da média do mês anterior. Apesar de significativo, esse índice é menos da metade daquele registrado em setembro (14,62%), embora ainda possam ocorrer novas variações no restante do mês.

Esse comportamento dos preços do milho pode ser explicado pela expectativa de redução na safra atual em relação à anterior. Conforme o 1º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, a 1ª safra de milho deve registrar redução na área plantada, que pode variar entre -6,1% a -10,1%. Em termos de produção, a Conab estima queda de -13,2% a -17,8% na 1ª safra e de -4,3% a -5,7% no total do ciclo (1ª e 2ª safras).

Em Santa Catarina também se estima reduções bastante significativas nesta safra. Conforme os dados divulgados pela Epagri/Cepa, a área plantada na 1ª safra deve sofrer queda de 12,36%, passando de 363 mil hectares para 318,1 mil hectares. Em termos de produção a queda deverá ser ainda mais significativa, com expectativa inicial de colheita de 2,63 milhões de toneladas na 1ª safra (-16,51% em relação ao ciclo anterior).

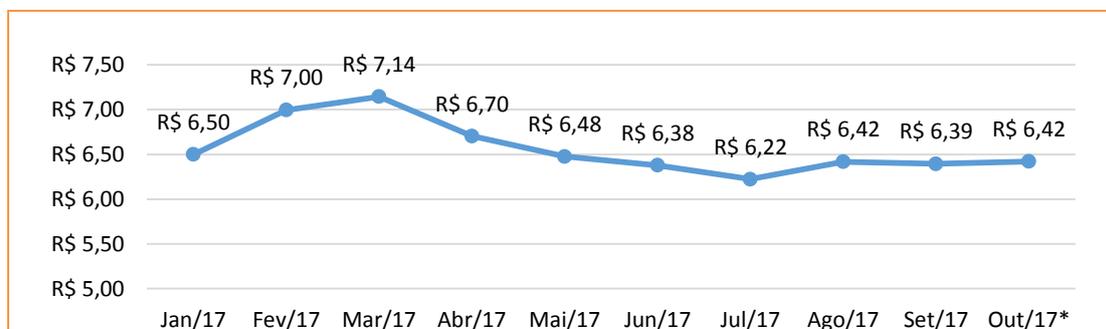
Como vem ocorrendo há alguns meses, em outubro os preços da carne suína no atacado tem apresentado comportamentos distintos, de acordo com o corte. Segundo a Epagri/Cepa, dois dos cinco cortes acompanhadas registram quedas nos preços preliminares de outubro (média estadual) em relação ao mês anterior: carré (-0,77) e costela (-0,67%). Os demais cortes registraram variações positivas: lombo (2,31%), carcaça (0,42%) e pernil (0,03%).

Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017			
Produto	Agosto/17	Setembro/17	Outubro/17⁽¹⁾
Carré (sem couro)	R\$ 8,53	R\$ 8,54	R\$ 8,47
Costela (sem couro)	R\$ 12,70	R\$ 12,56	R\$ 12,47
Lombo	R\$ 11,55	R\$ 11,69	R\$ 11,96
Carcaça	R\$ 6,42	R\$ 6,39	R\$ 6,42
Pernil (com osso e sem couro)	R\$ 7,36	R\$ 7,36	R\$ 7,37

⁽¹⁾Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína durante o ano de 2017. A carcaça tem mantido preço relativamente estável nos últimos três meses.

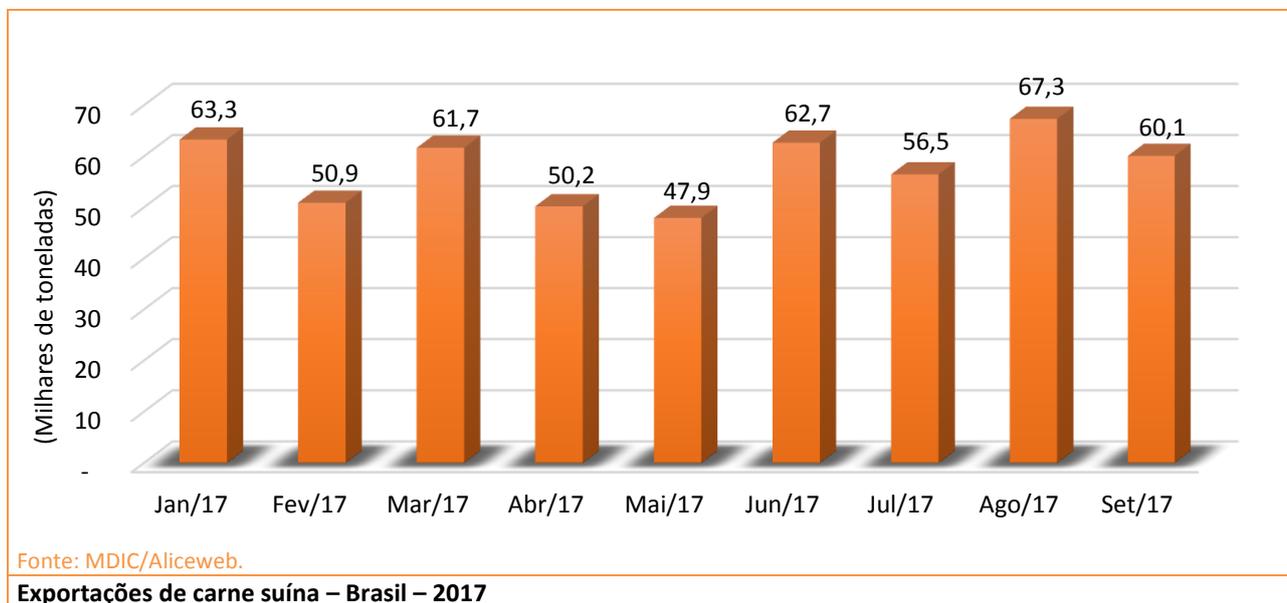


* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 2 a 16/out./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017

Após excelentes resultados nas exportações de carne suína em agosto, setembro não repetiu o mesmo desempenho. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado o Brasil exportou 60,08 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 10,78% em relação ao mês anterior e de 16,52% na comparação com setembro de 2016.



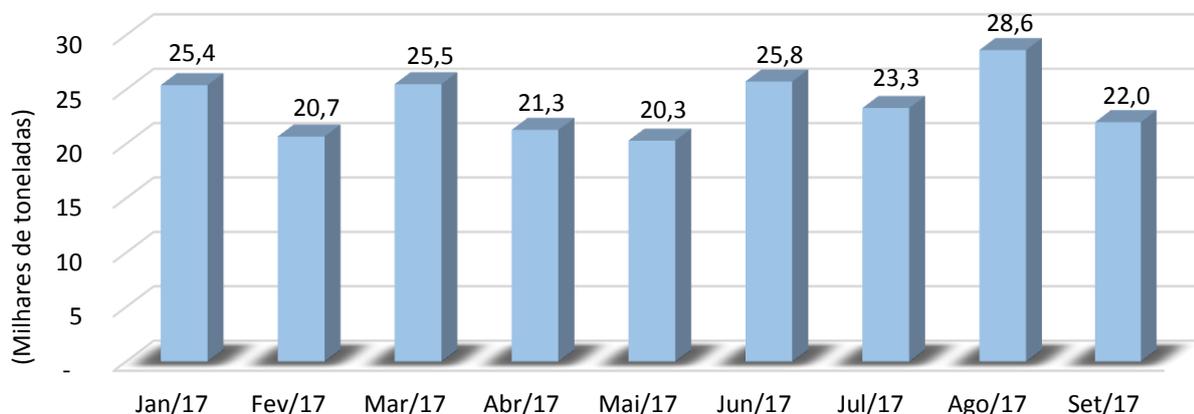
No que diz respeito às receitas, os resultados também foram negativos. As exportações brasileiras de carne suína geraram US\$138,82 milhões em setembro, queda de 11,15% em relação ao mês anterior e de 16,77% quando comparado a setembro de 2016.

Nos nove primeiros meses deste ano foram exportadas 520,55 mil toneladas de carne suína, queda de 4,00% em relação ao mesmo período de 2016. As receitas, por sua vez, somaram US\$1,24 bilhão, o que representa um aumento de 17,68%.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em setembro foram Rússia, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Argentina, responsáveis por 80,00% das receitas do País com esse produto. A China mais uma vez reduziu suas importação de carne suína brasileira: -45,35% em valor e -48,87% em quantidade, em comparação com o mesmo mês de 2016. Mas o que mais chama a atenção é a queda nas exportações para a Rússia, principal comprador da carne suína brasileira. Em relação a setembro de 2016 a queda foi de 12,43% em valor e 15,38% em quantidade.

Conforme dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de outubro, a média diária de embarques de carne suína *in natura* aumentou em relação a setembro: 7,2% em valor e 7,1% em quantidade. Na comparação com outubro de 2016 os resultados preliminares também registram crescimento na média diária: 2,0% em valor e 5,8% em quantidade.

As exportações catarinenses de carne suína também apresentaram resultados ruins em setembro, ficando inclusive abaixo da média do ano. Se em agosto o Estado registrou a maior quantidade de carne suína já exportada num único mês, em setembro verificou-se redução significativa, sendo embarcadas 22,01 mil toneladas. Esse montante representa queda de 23,17% em relação ao mês anterior e de 12,49% na comparação com setembro de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017

As receitas das exportações de agosto também foram consideravelmente menores: US\$48,96 milhões, queda de 25,86% em relação ao mês anterior e de 11,44% na comparação com setembro de 2016.

Apesar do resultado ruim de setembro, nos nove primeiros meses do ano as exportações catarinenses de carne suína atingiram 213,02 mil toneladas, aumento de 4,36% em relação ao mesmo período do ano anterior. Já em termos de receitas, o acumulado do ano é de US\$500,46 milhões, aumento de 27,51% em relação a 2016.

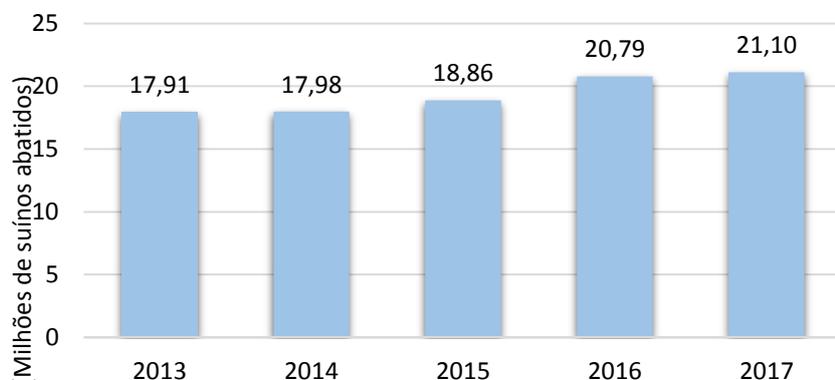
Os principais destinos das exportações de carne suína catarinense em agosto foram Rússia, Hong Kong, China, Chile e Cingapura, que juntos responderam por 81,20% das receitas. Assim como observado no cenário nacional, houve reduções nas exportações para a China (-57,71% em valor e -61,43% em quantidade, em comparação com setembro de 2016) e Rússia (-12,38% em valor e -16,05% em quantidade), o que ajuda a explicar os resultados ruins desse mês.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Setembro de 2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Rússia	20.206.847	8.132.943
Hong Kong	6.025.998	3.164.542
China	5.345.136	2.783.036
Chile	5.056.079	2.175.178
Cingapura	3.116.439	1.263.985
Outros países	9.205.480	4.491.261
Total	48.955.979	22.010.945

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Em setembro o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, referentes ao 2º trimestre de 2017. De acordo com os dados apresentados na sequência, a quantidade de suínos abatidos

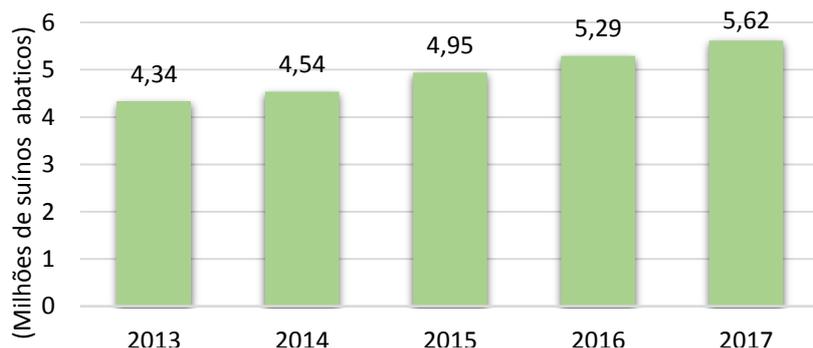


Fonte: IBGE.

Abate de suínos no 1º semestre – Brasil – 2013/17

no País cresceu 1,49% no 1º semestre de 2017, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Com exceção de fevereiro e abril, todos os demais meses apresentaram resultados positivos.

Em relação à produção da carne, o IBGE apontou crescimento de 1,46% no 1º semestre, atingindo-se o montante de 1,85 milhão de toneladas de carcaças.



Fonte: IBGE.

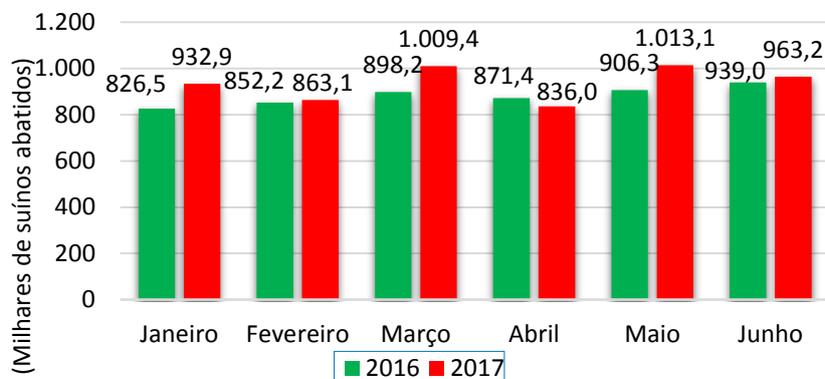
Abate de suínos no 1º semestre – Santa Catarina – 2013/17

O crescimento no abate de suínos foi ainda mais expressivo em Santa Catarina. Conforme apontam os dados do IBGE, no 1º semestre deste ano foram abatidos 5,62 milhões de animais, aumento de 6,12% quando comparado ao mesmo período do ano passado.

Em termos de peso, foram produzidas 498,12 mil toneladas de carcaças suínas em Santa Catarina no 1º semestre deste ano, 3,67%

mais que no ano anterior.

A figura a seguir compara o abate mensal de suínos em Santa Catarina durante o 1º semestre de 2016 e 2017. Como fica evidenciado, com exceção de abril, em todos os demais meses registrou-se crescimento no número de animais abatidos, com resultados mais expressivos em março e abril.



Fonte: IBGE.

Abate mensal de suínos durante o 1º semestre – Santa Catarina – 2016/17

autorizadas a exportar carne suína para a Coreia do Sul. Tratam-se das seguintes unidades, todas localizadas em Santa Catarina: BRF, em Campos Novos; Aurora Alimentos, em Chapecó; Pamplona Alimentos, em Presidente Getúlio.

A Coreia do Sul é o 4º maior importador mundial de carne suína. Segundo estimativas preliminares, o montante exportado para aquele país pode chegar a 30 mil toneladas. O efetivo início das vendas para os coreanos depende ainda de definições de detalhes no certificado sanitário brasileiro, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

número de animais abatidos, com resultados mais expressivos em março e abril.

Vale mencionar que, ao analisarmos isoladamente cada trimestre, observa-se que de janeiro a março os abates de 2017 superavam em 8,87% o mesmo período de 2016. De abril a junho, por sua vez, a diferença foi de apenas 3,52%.

Por fim, destaca-se que no início de outubro três plantas frigoríficas brasileiras foram

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A produção mundial de leite⁷ tem crescido sensível e constantemente ao longo dos anos. Isso se deve especialmente à expansão da produção no continente asiático, que ano a ano aumenta a sua participação na produção mundial. Em 1990 a Ásia respondia por menos de 20% da produção mundial e atualmente responde por mais de 40%.

Leite - Produção mundial segundo os continentes - 2013-15 a 2017						
Ano	Bilhão de quilos					
	Mundo	Ásia	Europa	América	Oceania	África
Média 2013-15	793,7	315,8	217,5	183,2	30,7	46,6
2016	819,3	335,1	221,8	184,1	31,5	46,7
2017	830,5	342,2	222,3	188,7	30,5	46,8
Ano	Participação (%)					
	Mundo	Ásia	Europa	América	Oceania	África
Média 2013-15	100	39,8	27,4	23,1	3,9	5,9
2016	100	40,9	27,1	22,5	3,8	5,7
2017	100	41,2	26,8	22,7	3,7	5,6

Nota: Estimativa para 2016 e previsão para 2017.

Fonte: FAO - Food Outlook (June 2017).

O comércio mundial de lácteos também é crescente. Nos anos recentes, dos três principais exportadores, a União Europeia foi quem melhor aproveitou essa ampliação de comércio e, caso confirmada a previsão da FAO, superará a quantidade exportada pela Nova Zelândia em 2017. O Uruguai também ampliou a sua participação no mercado mundial, em boa medida pelo fato de em 2016 ter aumentado significativamente as suas vendas para o Brasil, mas com o decréscimo das importações brasileiras em 2017, dificilmente confirmará essa previsão de quantidade exportada para 2017.

⁷ Esses dados incluem a produção de leite de vacas, búfalas, cabras, ovelhas e camelas. Segundo dados da FAO, em 2014 a distribuição da produção mundial foi a seguinte: 82,4%, leite de vacas; 13,6%, leite de búfalas; 2,3%, leite de cabras; 1,3%, leite de ovelhas e 0,4%, leite de camelas.

Leite - Exportação mundial e dos principais exportadores - 2013-15 a 2017

País/Bloco	Equivalente a bilhão de quilos			Var. 2013-15/2017 (%)	Partic. em 2017 (%)
	Média 2013-15	2016	2017		
União Europeia	17,347	18,508	19,332	11,4	26,9
Nova Zelândia	18,645	19,364	18,911	1,4	26,3
EUA	10,071	9,989	10,333	2,6	14,4
Belarus	3,634	3,930	3,945	8,6	5,5
Austrália	3,274	3,344	3,170	-3,2	4,4
Argentina	2,236	1,817	1,899	-15,1	2,6
Uruguai	1,286	1,468	1,474	14,6	2,1
Arábia Saudita	1,393	1,443	1,455	4,5	2,0
Turquia	0,541	0,930	0,962	77,8	1,3
Ucrânia	0,663	0,646	0,641	-3,3	0,9
Subtotal	59,090	61,439	62,122	5,1	86,5
Outros	9,725	9,631	9,657	-0,7	13,5
Total Mundial	68,815	71,070	71,779	4,3	100

Nota: Estimativa para 2016 e previsão para 2017.

Fonte: FAO - Food Outlook (June 2017).

Em termos de importação, embora não concentradas em tão poucos países quanto as exportações, destacam-se os volumes adquiridos pela China e pela Federação Russa, que são dois importantes balizadores dos preços internacionais, sobretudo em momentos de oferta/estoques mais abundantes. Isso foi o que ocorreu, por exemplo, entre 2014 e o primeiro semestre de 2016, quando as reduções nas importações desses países combinada com estoques mundiais elevados provocaram forte declínio dos preços internacionais, o que pode ser evidenciado nos preços de exportação do leite do Uruguai, cujo preço médio de 2016 foi quase 43% menor que o preço médio de 2014.

Uruguai - Preço médio de venda do leite exportado pela indústria - 2013-17

Mês/ano	US\$/equivalente a um litro				
	2013	2014	2015	2016	2017
Janeiro	0,45	0,58	0,51	0,32	0,35
Fevereiro	0,55	0,60	0,50	0,31	0,40
Março	0,51	0,58	0,34	0,31	0,40
Abril	0,48	0,60	0,35	0,29	0,41
Mai	0,50	0,55	0,39	0,30	0,41
Junho	0,56	0,58	0,42	0,30	0,40
Julho	0,53	0,59	0,38	0,32	0,39
Agosto	0,53	0,56	0,35	0,31	0,38
Setembro	0,53	0,58	0,39	0,33	
Outubro	0,55	0,49	0,39	0,33	
Novembro	0,57	0,50	0,38	0,34	
Dezembro	0,57	0,46	0,32	0,35	
Média	0,53	0,56	0,39	0,32	0,39

Considera os principais produtos exportados: leite em pó integral e desnatado, queijos e manteiga.

Fonte: Instituto Nacional de la Leche (<http://www.inale.org/>).

Essa queda de preços contribuiu para que as importações brasileiras de 2016 alcançassem níveis recordes nos últimos anos e o Uruguai se tornasse a principal origem das importações brasileiras de lácteos em 2016. Mesmo com o decréscimo dos preços internacionais, as importações brasileiras de 2016 não teriam sido tão elevadas se não houvesse a valorização do real próxima de 20% entre janeiro e julho e, principalmente, redução na produção de leite recebida pelas indústrias, que provocou forte elevação dos

preços internos de alguns lácteos. Esse quadro explicativo das importações de 2016 mudou sensivelmente, o que tem se refletido nas importações de 2017, que mês a mês têm sido decrescentes em relação às de 2016. Com isso, de janeiro a setembro de 2017, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi 24,1 % inferior à do mesmo período de 2016. O decréscimo foi ainda mais acentuado para o caso do Uruguai, de janeiro a setembro desse ano houve redução de 35,2% em relação ao mesmo período do ano passado. A tendência é de que as importações continuem decrescentes, não sendo improvável que ao final de 2017 a Argentina volte a superar o Uruguai como principal origem das importações brasileiras.

Importação brasileira de lácteos segundo as principais origens – 2015 a setembro de 2017

País	2015	2016	Var. (%)	Jan/set 2016	Jan/set 2017	Var. (%)
	Mil t	Mil t		Mil t	Mil t	
Uruguai	58,5	125,0	113,7	96,5	62,5	-35,2
Argentina	64,8	94,3	45,5	69,8	61,3	-12,2
Chile	0,9	6,0	566,7	5,5	3,4	-38,2
N. Zelândia	1,6	3,9	143,8	2,9	3,1	6,9
EUA	4,2	7,0	66,7	3,8	3,0	-21,1
França	1,9	1,9	0,0	1,6	1,8	12,5
Holanda	1,1	0,8	-27,3	0,5	1,1	120,0
Canadá	0,5	1,5	200,0	1,1	1,0	-9,1
Paraguai	0,0	1,2	-	1,0	0,5	-50,0
Outros	0,9	0,9	0,0	0,7	1,5	114,3
Total	134,3	242,6	80,6	183,4	139,2	-24,1

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

Embora os recentes decréscimos de preços sejam mais decorrentes da combinação da recuperação da oferta interna com redução de consumo, é claro que qualquer medida que reduza ainda mais as importações contribuirá para a recuperação dos preços internos dos lácteos e nos preços do leite aos produtores, que seguiram trajetória de queda neste mês de outubro.

Leite - Preço médio mais comum aos produtores catarinenses, no período de pagamento - 2015-17

Mês	R\$/l posto na propriedade			Var. (%)	
	2015	2016	2017	2016/15	2017/16
Janeiro	0,75	0,91	1,10	21,3	20,9
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	30,1	26,7
Março	0,76	1,02	1,25	34,2	22,2
Abril	0,80	1,07	1,28	33,8	19,3
Mai	0,87	1,11	1,29	27,6	16,2
Junho	0,89	1,19	1,29	33,7	8,6
Julho	0,91	1,29	1,25	41,8	-3,1
Agosto	0,93	1,52	1,13	63,4	-25,4
Setembro	0,92	1,41	0,99	53,3	-29,8
Outubro	0,90	1,24	0,92⁽¹⁾	37,8	-25,8
Novembro	0,87	1,10		26,4	
Dezembro	0,89	1,08		21,3	
Média anual	0,85	1,16		36,5	

⁽¹⁾Valor provisório.

Fonte: Epagri/Cepa.

De qualquer maneira, recuperações mais expressivas dos preços internos parecem depender, sobretudo, de redução na oferta interna, sobre o que, através da sua Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), o IBGE divulgou novos números no mês de setembro. Esses números mostram que a quantidade de leite recebida

pelas indústrias inspecionadas cresceu “apenas” 3,7% na comparação entre os primeiros semestre de 2016 e 2017. Isso confirma parcial recuperação e não crescimento na quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas, já que a quantidade do primeiro semestre de 2017 continuou menor que a dos primeiros semestres de 2014 e 2015.

Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2014-17

UF	Bilhão de litro							Var. 1º semestre (%)		
	Ano			1º semestre				2017/14	2017/15	2017/16
	2014	2015	2016	2014	2015	2016	2017			
MG	6,590	6,442	6,106	3,294	3,192	3,001	2,883	-12,5	-9,7	-3,9
RS	3,431	3,488	3,250	1,632	1,663	1,517	1,552	-4,9	-6,7	2,3
SP	2,525	2,607	2,559	1,223	1,232	1,208	1,375	12,4	11,6	13,8
PR	2,972	2,838	2,744	1,399	1,380	1,277	1,356	-3,1	-1,7	6,2
GO	2,685	2,450	2,313	1,320	1,228	1,094	1,206	-8,6	-1,8	10,2
SC	2,340	2,348	2,438	1,024	1,110	1,106	1,159	13,2	4,4	4,8
RO	0,760	0,699	0,700	0,373	0,351	0,349	0,355	-4,8	1,1	1,7
Outras	3,445	3,189	3,060	1,722	1,626	1,529	1,607	-6,7	-1,2	5,1
Brasil	24,747	24,062	23,170	11,986	11,781	11,081	11,493	-4,1	-2,4	3,7

1 - Os dados referentes ao ano de 2016 e 2017 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Recentemente, através da sua Produção Pecuária Municipal (PPM), o IBGE divulgou também os dados sobre a produção total de 2016, na qual se confirma que a exemplo de 2015 houve novo decréscimo na produção brasileira e que a Região Sul se consolida como maior produtora do Brasil. Uma das novidades desses dados é o fato de pela primeira vez na história Santa Catarina aparecer como quarto produtor nacional, superando o estado de Goiás.

Leite - Produção brasileira - 2006/2016

Regionalização	Milhão de litro				Participação %			
	2006	2011	2015	2016	2006	2011	2015	2016
Região								
Sul	7.039	10.226	12.319	12.458	27,7	31,9	35,6	37,0
Sudeste	9.740	11.308	11.896	11.546	38,3	35,2	34,4	34,3
Centro-Oeste	3.722	4.777	4.604	3.972	14,7	14,9	13,3	11,8
Nordeste	3.198	4.110	3.957	3.772	12,6	12,8	11,4	11,2
Norte	1.699	1.675	1.833	1.876	6,7	5,2	5,3	5,6
UF								
MG	7.094	8.756	9.145	8.971	27,9	27,3	26,4	26,7
PR	2.704	3.816	4.660	4.730	10,6	11,9	13,5	14,1
RS	2.625	3.879	4.600	4.614	10,3	12,1	13,3	13,7
SC	1.710	2.531	3.060	3.114	6,7	7,9	8,8	9,3
GO	2.614	3.482	3.406	2.933	10,3	10,8	9,8	8,7
SP	1.744	1.601	1.768	1.692	6,9	5,0	5,1	5,0
BA	906	1.181	984	858	3,6	3,7	2,8	2,6
PE	630	953	856	839	2,5	3,0	2,5	2,5
RO	637	707	818	791	2,5	2,2	2,4	2,4
MT	584	743	734	663	2,3	2,3	2,1	2,0
Subtotal	21.248	27.650	30.030	29.205	83,7	86,1	86,8	86,9
Outras	4.151	4.446	4.580	4.420	16,3	13,9	13,2	13,1
Brasil	25.398	32.096	34.610	33.625	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

Em Santa Catarina houve nova ampliação da participação da mesorregião Oeste na produção estadual e redução da diferença da produção do Vale do Itajaí para o Sul.

Leite - Produção catarinense - 2006/2016								
Mesorregião	Milhão de litro				Participação %			
	2006	2011	2015	2016	2006	2011	2015	2016
Oeste	1.241,2	1.846,7	2.299,5	2.367,5	72,6	73,0	75,1	76,0
Vale do Itajaí	193,7	222,9	267,6	262,5	11,3	8,8	8,7	8,4
Sul	102,3	173,7	211,2	217,2	6,0	6,9	6,9	7,0
Norte	69,2	82,3	117,8	108,0	4,0	3,3	3,8	3,5
Serrana	59,7	150,9	90,9	86,5	3,5	6,0	3,0	2,8
Gde Fpolis	43,7	54,6	72,9	72,2	2,6	2,2	2,4	2,3
Santa Catarina	1.709,8	2.531,2	3.059,9	3.113,8	100	100	100	100

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

Importante destacar que esses dados da Pesquisa Pecuária Municipal são bastante subjetivos e que o Censo Agropecuário em andamento deverá apresentar dados bem distintos. A considerar os dados do Censo Agropecuário 2006 e da Pesquisa Trimestral do Leite como corretos, fica evidente que as produções de leite do Brasil e de alguns estados estão superestimadas, de maneira até significativa. É esperar pelos primeiros resultados do Censo para confirmar ou não essa hipótese.